

O GALO



ANO XI - Nº 2 - Fevereiro, 1999

NATAL-RN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Sanderson Negreiros

Depois de lançar simultaneamente um livro de crônicas - *A hora da lua da tarde* -, e a reunião de sua poesia até agora - *Fábula fábula*-, o escritor Sanderson Negreiros anuncia um grande projeto literário para este ano: a publicação de um romance, de um livro de entrevistas e de mais cinco livros de crônicas em torno da geografia sentimental dos bairros natalenses. Estas são algumas revelações que o jornalista faz em entrevista exclusiva a O GALO, onde ainda lembra episódios pitorescos da imprensa potiguar e resgata personalidades dominantes da cultura natalense contemporânea, como Câmara Cascudo e Zila Mamede.



Índice

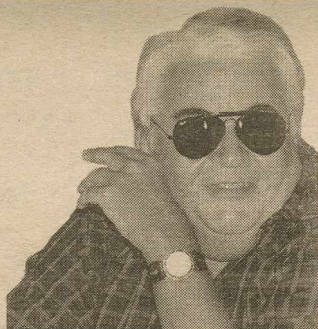


- 03 Olavo de Medeiros Filho** - Considerações sobre o surgimento de Natal
- 05 Câmara Cascudo** - Passeio pela história, geografia e toponímia da cidade do Natal
- 20 Eloy de Souza** - Escritor reconta a lenda do sino da Lagoa de Extremoz

9 Nelson Patriota - Breve apresentação da poesia de Ascendino Leite

11 Tradução - Luís Carlos Guimarães traduz poema de Charles Baudelaire

12 Manoel Onofre Jr. - Sobre o 90º aniversário de nascimento de Edgar Barbosa



13 ENTREVISTA - O poeta, cronista e jornalista Sanderson Negreiros fala de livros, pessoas e imagens do seu tempo

18 Hildeberto Barbosa Filho - ensaísta analisa a obra poética de Paulo de Tarso C. de Melo

19 André Seffrin - crítico faz apreciação da obra de Jair Ferreira dos Santos

20 Manuel C. Andrade - Sesquicentenário de Joaquim Nabuco

21 Ubiratan Queiroz de Oliveira - Trovas em homenagem a Luís da Câmara Cascudo

22 José Melquíades - Notas à margem do livro "C. Cascudo, um homem chamado Brasil"

23 LIVRO / LANÇAMENTOS

24 Bico-de-pena do artista plástico e poeta Mário César

Um fabulista do real

A poesia norte-rio-grandense ganha relevo, mais uma vez, nas páginas de O GALO. A partir da entrevista habitual, que desta feita traz o poeta, jornalista e romancista Sanderson Negreiros, o qual fala longamente sobre sua inserção na vida intelectual norte-rio-grandense, sua produção poética precocemente concebida, as vicissitudes da vida no seminário, na infância, e sobre a resoluta decisão de deixá-lo ainda muito jovem para ir em busca da verdadeira vida que pressentia lá fora. Ao longo da entrevista, Sanderson Negreiros toca em questões ligadas ao seu tempo de jornalista que transitou entre os dois grandes veículos de imprensa diária do Estado - o Diário de Natal e a Tribuna do Norte, época repleta de episódios deliciosos pelo seu pitoresco, como constatará o leitor, envolvendo personagens dominantes da vida cultural e política da época. Sanderson também fornece detalhes sobre o romance que está escrevendo sobre o seu irmão, monsenhor Emerson Negreiros, e ainda comenta cinco livros de crônicas sobre a paisagem urbana natalense que prepara para lançar este ano, e sobre o volume de crônicas *A hora da lua da tarde*, recém-lançado, juntamente com *Fábula fábula*, reunião de sua poesia até agora.

A memória potiguar sobressai em três textos. Um deles, assinado pelo pesquisador potiguar Olavo de Medeiros Filho, que se debruça sobre os vários nomes atribuídos à cidade do Natal ao longo do período colonial, deixando algumas questões em aberto para futuras pesquisas; o segundo, com a rubrica do historiador Luís da Câmara Cascudo, refaz a vó de pássaro a história, a geografia e a toponímia da cidade do Natal, narrando episódios curiosos da vida da cidade, como quando da visita do bispo de Olinda, Dom Frei Luís de Santa Teresa, em 1746, e do viajante inglês Henry Koster, em 1757 à cidade, ainda com ares de vila, condição, aliás, que nunca vivenciou oficialmente, como enfatiza o nosso maior historiador. O terceiro, de Eloy de Souza, reconta a lenda do carreiro da lagoa de

Extremoz, seguida de trágico e lírico final.

O GALO também se insere nas comemorações do sesquicentenário de nascimento do escritor e abolicionista pernambucano Joaquim Nabuco, que transcorre este ano. O texto é de autoria do historiador pernambucano Manuel Correia de Andrade, que descreve a evolução política de Nabuco através do abolicionismo, seguido da luta em favor do federalismo e, finalmente, do panamericanismo, desta feita, já na diplomacia.

A crítica literária é pontuada, neste número, por quatro textos. O primeiro, do jornalista e ensaísta Nelson Patriota, é uma espécie de introdução à poesia do poeta paraibano Ascendino Leite, ainda pouco conhecido pelos leitores norte-rio-grandenses, mas que goza de grande prestígio junto a seletos grupo de estudiosos da literatura brasileira, como Ivo Barroso, Antônio Houaiss, Marcos Farias, entre outros; o ensaísta paraibano Hildeberto Barbosa Filho estuda, por sua vez, o discurso lírico, de raízes ibéricas, de *Romances de Alcaçus*, do norte-rio-grandense Paulo de Tarso Correia de Melo; o crítico literário José Melquíades comenta o livro "Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil", de Gildson Oliveira, chamando a atenção para o caráter informativo da obra, sem prejuízo para os seus outros possíveis méritos. O crítico paulista André Seffrin se detém sobre a obra ficcional de Jair Ferreira dos Santos, cuja estréia, *Com Kafka na cama*, lhe rendeu generosos elogios da crítica.

E *last, but not least*, a poesia também se faz presente a esta edição de O GALO. O poeta e tradutor Luís Carlos Guimarães volta à poesia francesa para buscar inspiração e traduz o poema *À une passante*, de Charles Baudelaire, o qual publicamos também no original. O poeta Ubiratan Queiroz Oliveira rende homenagem (em trovas) ao historiador Luís da Câmara Cascudo. Enfim, uma palavra de agradecimento ao artista plástico Mário César, e a todos os demais colaboradores já citados, sem os quais esta edição não se tornaria possível.

Atenciosamente,

O Editor

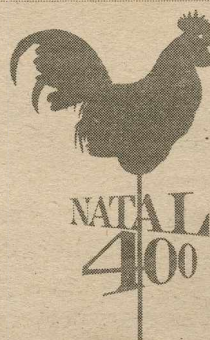
GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção

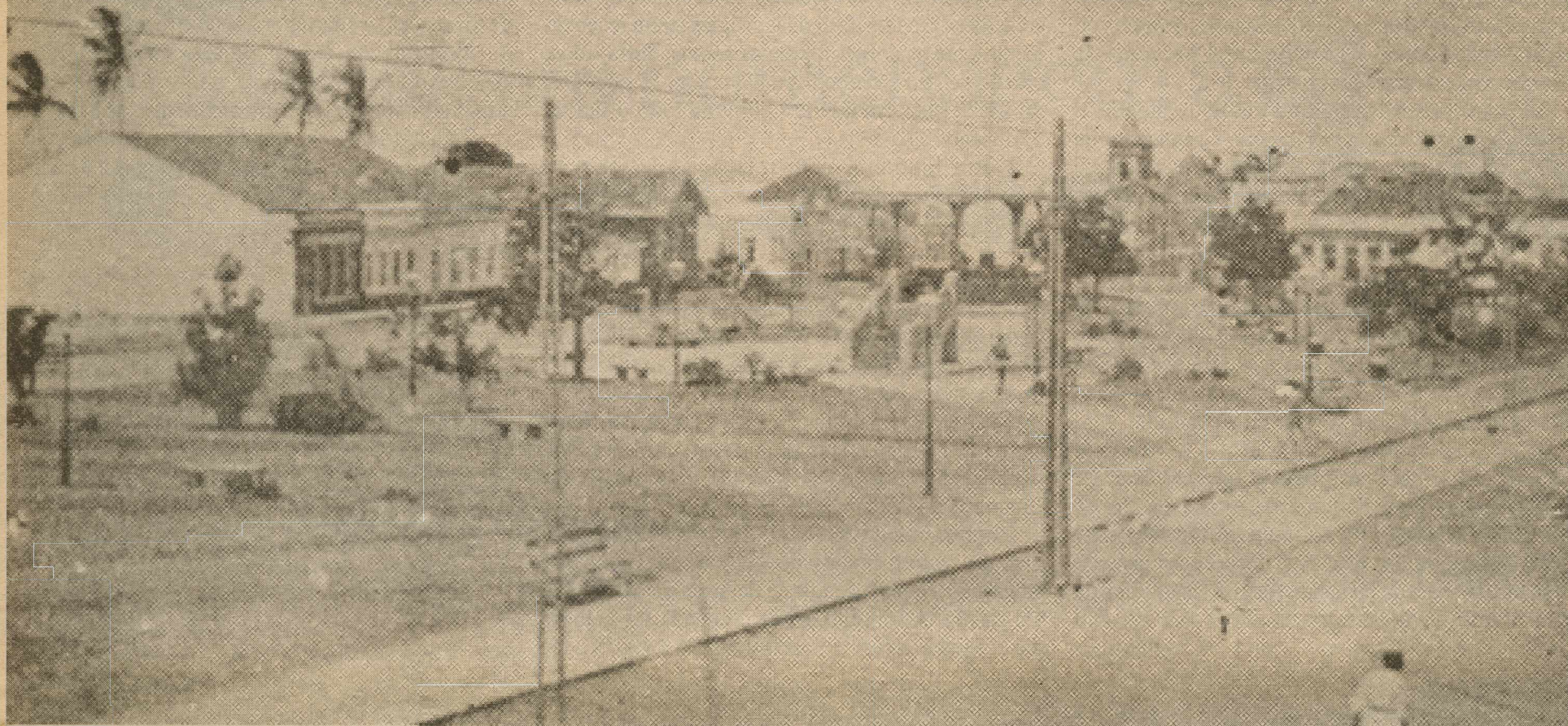
Colaboraram nesta edição: Luís Carlos Guimarães, Hildeberto Barbosa Filho, Manoel Onofre Jr., André Seffrin, Olavo de Medeiros Filhos, Manuel Correia de Andrade, Ubiratan Queiroz de Oliveira, José Melquíades e Mário César.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020-220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0345. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

O pesquisador Olavo de Medeiros Filho sustenta a tese de que foi Manuel Mascarenhas Homem, o Capitão-mor da Conquista do Rio Grande, o fundador da Cidade do Natal, e não Jerônimo de Albuquerque ou João Rodrigues Colaço, como defendem outros estudiosos.



O pesquisador também arrisca uma hipótese para a denominação de Cidade de Santiago, dada a Natal no período colonial. Teria sido a cidade do Rio Grande fundada no dia 25 de junho de 1599, data em que era comemorado o dia de São Tiago?, pergunta.



Antes de tomar a denominação definitiva de Natal, a cidade recebera outros nomes, como: Cidade de Santiago e Cidade dos Reis, conforme revela o pesquisador

Considerações sobre a fundação da Cidade do Natal

Olavo de Medeiros Filho

Aproximando-se o dia 25 de dezembro de 1999, que será o ponto culminante das festividades do IV Centenário da Fundação da Cidade do Natal, julgo cabíveis algumas considerações sobre o surgimento da nossa capital.

No final do século XVI, o território correspondente ao atual Estado do Rio Grande do Norte achava-se sob controle dos traficantes franceses, que “iam comerciar com os potiguaras, e dali saíam também a roubar os navios que iam e vinham de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas, mas as pessoas, e vendendo-as aos gentios para que as comessem.”¹

O rei Dom Filipe II da Espanha, que, na ocasião, acumulava a coroa de Portugal, determinou ao governador-geral do Brasil, Dom Francisco de Sousa, que o mesmo entrasse em entendimentos com o capitão-mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem, para que este fosse ao Rio Grande “lá FAZER UMA FORTALEZA E POVOAÇÃO, o que fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho, que era o capitão-mor da Paraíba”.

Não abordarei, nesta ocasião, os episódios relacionados com a edificação da Fortaleza dos Santos Reis da Barra do Rio Grande, nem as lutas com o gentio Potiguar, encerradas com a celebração das pazes entre portugueses e indígenas, ocorrida no dia 11 de junho de 1599, na cidade Filipéia, na

Paraíba.

Com as pazes obtidas, tratou-se de tomar as primeiras providências, com relação à fundação de uma povoação. Infelizmente não foram encontrados, até o presente, os documentos relacionados com a fundação de Natal. A primeira notícia sobre o nome do fundador da cidade e a data da ocorrência, nos foi dada por Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, em seu *Catálogo Genealógico das Principais Famílias*, obra impressa em Lisboa, em 1761.

Segundo informa Jaboatão, Jerônimo de Albuquerque, por ele considerado o primeiro capitão-mor do Rio Grande, teria fundado a Cidade do Natal, no dia 25 de dezembro de 1599.² Todavia, documentação posteriormente encontrada, revela o fato de que Jerônimo de Albuquerque não foi o

primeiro capitão-mor do Rio Grande e sim o segundo, tendo iniciado sua gestão no dia 6 de julho de 1603. Até então, o capitão-mor da capitania foi João Rodrigues Colaço, que assumira o posto em 24 de junho de 1598, por provisão do Governador-geral do Estado do Brasil, Dom Francisco de Sousa.³ Frei Vicente do Salvador também incorreu no engano de apresentar Jerônimo de Albuquerque (que depois acrescentaria o agnome Maranhão) como tendo sido o primeiro capitão-mor do Rio Grande, o que levou alguns historiadores a considerarem Jerônimo de Albuquerque o fundador de Natal...

Jerônimo de Albuquerque foi, na realidade, o primeiro capitão-mor do Maranhão e o fundador da cidade de São Luís, conforme informam os autores Raimundo José de Sousa Gaioso⁴ e Pe. Jacinto de Carvalho.⁵

Antes de tomar a denominação definitiva de Natal, a nossa capital recebeu outros nomes: CIDADE DE SANTIAGO, conforme notícia que nos é fornecida por Melchior Estácio do Amaral, ao descrever o episódio do naufrágio da nau Santo Iago, ocorrido em 1602;⁶ e CIDADE DOS REIS, conforme informa aquele historiador Frei Vicente de Salvador.⁷

Quanto ao fundador da Cidade do Rio Grande (Natal), sustento a opinião de que foi Manuel Mascarenhas Homem, que detinha o posto de CAPITÃO-MOR DA CONQUISTA DO RIO GRANDE, que lhe fora concedido pelo próprio monarca Filipe II da Espanha. Através do que consta da primeira data e sesmaria concedida no Rio Grande, cujo beneficiário foi o próprio capitão-mor

João Rodrigues Colaço, datada de 9 de janeiro de 1600, verifica-se que Mascarenhas Homem ainda mantinha sua superioridade hierárquica, em relação a Colaço.

Entrarei, agora, no terreno das hipóteses. Por que a denominação de CIDADE DE SANTIAGO? Em 1585 fora fundada a Cidade Filipéia, atual João Pessoa, capital paraibana. São Filipe e São Tiago são os padroeiros da Espanha, parecendo-me muita coincidência o fato de as duas cidades terem recebido justamente os nomes daqueles santos. Teria sido a cidade do Rio Grande fundada no dia 25 de junho de 1599, data em que era comemorado o dia de São Tiago?...

Outra hipótese, com relação à designação CIDADE DOS REIS. Como se sabe, as obras de edificação da Fortaleza dos Santos Reis iniciaram-se em 6 de janeiro de 1598, quando eram comemorados aqueles santos católicos. Será que a cidade fundada no Rio Grande foi batizada com o nome de Cidade dos Reis em atenção àquele início de construção? Ou teria sido fundada a cidade em 6 de janeiro de 1600?

O que é certo é que o nome Cidade do Natal somente aparece documentalmente em 1614, por ocasião do Auto da Repartição das Terras da Capitania do Rio Grande.⁹

Por que cidade do Natal? Talvez, lembrando a data em que os navios de Mascarenhas Homem adentraram o rio Potengi: 25 de dezembro de 1597. Ou, talvez, por ter sido mesmo fundada a cidade no dia comemorativo do nascimento de Jesus Cristo,

25 de dezembro de 1599, como informava Frei Jaboatão.

O grande historiador pernambucano José Antônio Gonsalves de Melo encontrou no Arquivo Geral de Simancas (Espanha) - Secretarias Provinciais, códice 1575, a *Relação de Ambrósio de Siqueira (1605) da Receita e Despesa do Brasil*, a qual inclui toda a movimentação financeira ocorrida no Rio Grande no período de 1598 a 1605. Talvez no mesmo Arquivo de Simancas se encontrem documentos que tratem da fundação da cidade do Rio Grande. Outro arquivo, também espanhol, onde poderiam estar arquivados aqueles documentos seria o de Sevilha.

O surgimento de uma nova documentação, inédita, poderia modificar o próprio programa oficial relacionado com a fundação da Cidade do Natal!

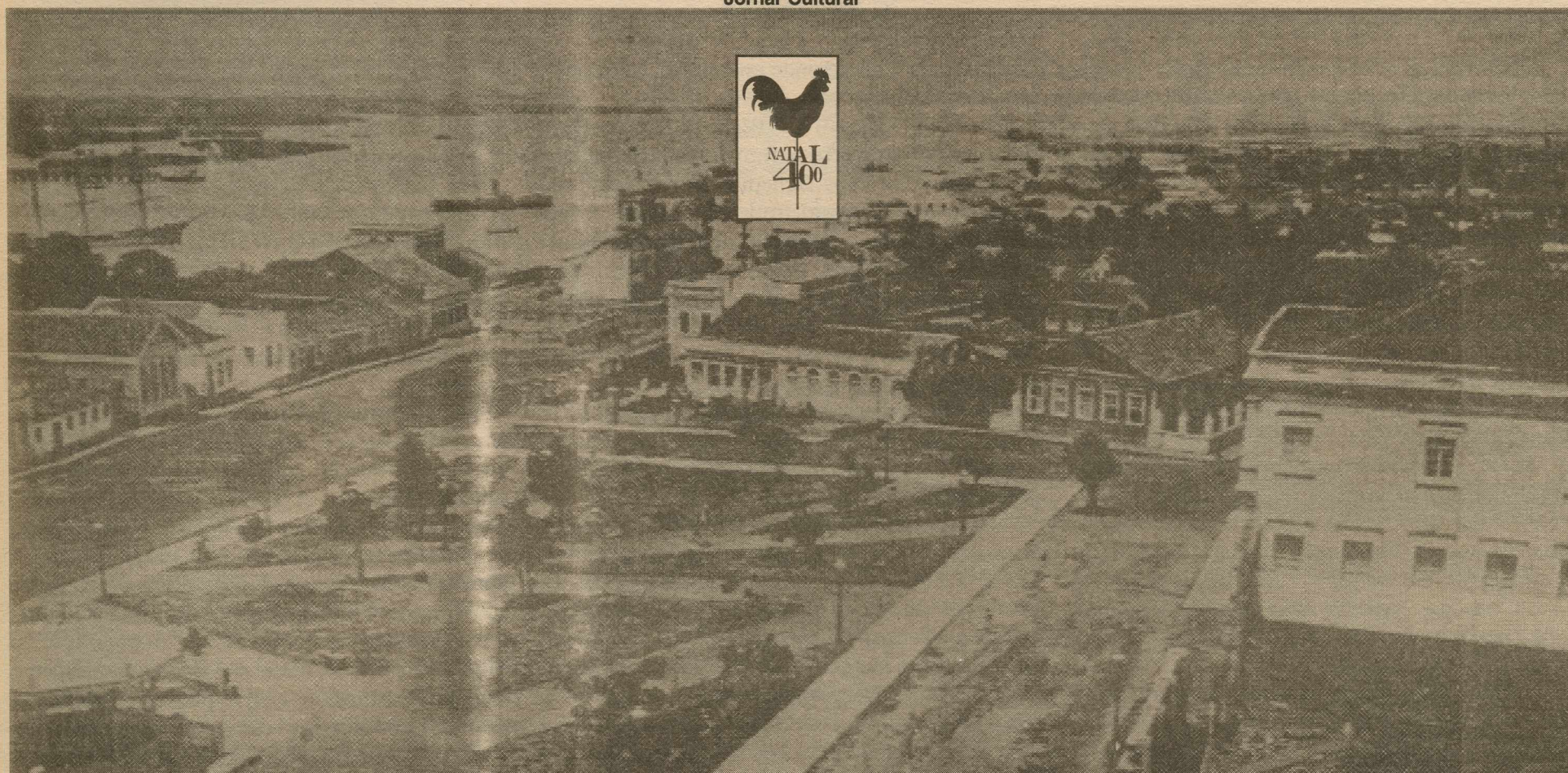
Notas

1. SALVADOR, Frei Vicente do Salvador - *História do Brasil 1500-1627*
2. CALMON, Pedro. *Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias de Frei Jaboatão*, vol. I, p.167.
3. *Relação de Ambrósio de Siqueira (1605) da Receita e Despesa do Estado do Brasil*, pp. 163, 176, 199-200, 226.
4. SOUSA GAIOSO, Raimundo José de. *Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão*, p.73.
5. CARVALHO, Jacinto. *Crônica da Companhia de Jesus no Maranhão*, p.90.
6. GOMES DE BRITO, Bernardo. *História Trágico-Martima compilada por Bernardo Gomes de Brito com outras notícias de naufrágios*, vol. V, pp 60-61.
7. SALVADOR, Frei Vicente do. *Obra citada*, p.274.
8. *Livro Segundo do Registro de Sesmarias concedidas pelo Governo do Rio Grande (1674-1680)*, fls. 27.v.
9. *Traslado do Auto da Repartição das Terras da Capitania do Rio Grande, aos 21 dias do mês de fevereiro de 1614.*

Olavo de Medeiros Filho é autor de , sócio efetivo do IHG/RN.



A origem do nome "Cidade do Natal" ainda permanece obscura, mas segundo Olavo de Medeiros Filho, o documento que falta pode estar num arquivo da Espanha...



Em 1967, é Natal é a cidade brasileira de maior número de automóveis *per capita*. Um ano antes teria o primeiro edifício de mais de dez andares.

NATAL

(história, geografia e toponímia)

Luís da Câmara Cascudo

Natal - Criado a 25 de dezembro de 1599, com sede na Cidade do Natal.

Os franceses, desde o primeiro terço do séc. XVI, traficavam abundantemente o pau-brasil no litoral do Rio Grande do Norte, começando na embocadura do Rio Ceará-Mirim à Baía Formosa, possuindo depósitos, alianças nativas, intérpretes dedicados, navegação regular. As Cartas Régias de 9 de novembro de 1596 e 15 de março de 1597 mandavam construir uma fortaleza na foz do Rio Potengi e uma cidade em lugar conveniente, a fim de evitar intrusas relações comerciais estrangeiras. O Governador-Geral do Brasil, Dom Francisco de Sousa, fê-las cumprir pelo Capitão-Mor de Pernambuco, Manuel de Mascarenhas Homem que, devidamente aparelhado, chegou ao local em dezembro de 1597. Com a planta do jesuíta espanhol, Padre Gaspar de Samperes, começou o Forte no *Dia de Reis*, 6 de janeiro de 1598, origem do nome

FORTALEZA DOS REIS, FORTE DOS REIS MAGOS, mais popularmente SANTOS REIS, terminado em 24 de junho do mesmo ano. Entregou o comando ao Capitão-Mor Jerônimo de Albuquerque, depois de 1614, o primeiro Albuquerque Maranhão.

Esse Forte de 1598 foi demolido e erguido outro, de pedra, definitivo, pelo engenheiro Francisco de Farias da Mesquias, de 1614 a 1619, conforme investigação do Padre Silva Nigra. É o que está na boca da barra. O segundo. Para todos os historiadores norte-rio-grandenses o fundador da capital tinha sido o primeiro dos Santos Reis. O Dr. José Moreira Brandão Castelo Branco Sobrinho (1888-1961) chamou a atenção para uma verdade despercebida: - Jerônimo de Albuquerque estava ausente. Viajara pleiteando efetivação no posto. Caberia o encargo ao seu sucessor, João Rodrigues Colaço. A tese ainda permanece em dilação probatória.

Para mim, o Padrinho da Cidade do Natal foi Manuel de Mascarenhas Homem, Capitão-Mor de

Pernambuco, comandante da expedição colonizadora. Continuava tão interessado no cumprimento das determinações que fora de Olinda à Paraíba, em junho desse 1599, assistir à solenidade do contrato das pazes com os Potiguares, ato possibilitador da criação da Cidade, seis meses depois. Acresce que, nessa época, Mascarenhas Homem estava em Natal onde concedeu, a 9 de janeiro de 1600, *dada nesta Fortaleza dos REIS MAGOS sob meu sinal*, a primeira sesmaria, à margem esquerda do rio, numa *água a que chamam da Papuna*, justamente ao Capitão João Rodrigues Colaço, seu subalterno. Não abandonaria funções de governança em Pernambuco, enfrentando as asperidades da viagem marítima, se não tivesse deveras de subida importância, como satisfazer a última parte das instruções do Rei, participando da fundação da cidade. Não há outra explicação para sua presença em Natal. Tinha sido o encarregado da missão e deveria cumpri-la até final.

A cerimônia ocorreu na PRAÇA ANDRÉ DE ALBUQUERQUE, até fevereiro de 1888 dita RUA

GRANDE. É o “*chão elevado e firme*” de que fala Varnhagen, na margem direita do Potengi, denominado pelos portugueses RIO GRANDE, meia légua do Forte.

Natal jamais fora Povoação nem Vila. Nasceu Cidade. Demarcou-se o SÍTIO DA CIDADE, marcando-os os extremos sul e norte com duas cruzeiras. A Cruz do Sul ficou no declive onde surgiria o BALDO, PRAÇA CARLOS GOMES, e seus fragmentos estão no bojo da SANTA CRUZ DA BICA, erguida nas proximidades. Ainda a 27 de outubro de 1766 o Capitão Manoel Raposo da Câmara recebia terras *no caminho que passa pela Cruz defronte da bica-de-beber-água. A Cruz do Norte fincou-se no aclive da ladeira, na Rua PADRE JOÃO MANUEL* que, durante todo o séc. XIX denominou-se RUA DA CRUZ. Em 4 de outubro de 1764, Cosme Pinto da Rosa tinha uma doação *no caminho que vai para a Ribeira, defronte de uma Cruz que reparte os dois caminhos*. Os dois caminhos eram a avenida JUNQUEIRA AIRES e a RUA JOÃO MANUEL.

Essas cruzeiras delimitavam o perímetro urbano. A área suburbana atingia os tabuleiros, a reta da avenida CAPITÃO MOR-GOUVEIA. Daí até o mar. Subindo o Potengi, ia a ponte de Guarapes. Chamar-se-ia CIDADE ALTA.

A outra parte, posteriormente habitada, plantio de coqueiros, armazéns e ranchos, foi a RIBEIRA, ensopada pelas marés de enchente e julgada zona de uma *de ribeira*. Começava na praça AUGUSTO SEVERO alcançando a RUA SILVA JARDIM, antes da Praia e depois chamada RUA DO CANTO DO MANGUE, onde as jangadas dormiam. Era a CAMPINA DA RIBEIRA.

Durante o séc. XVII (1601-1700), desenvolveu-se lentamente. Em 1608, não tinha moradores. Em 1611, houve organização municipal e deve ser desta data o Pelourinho, guardado na varanda do Instituto Histórico. Em 21 de fevereiro de 1614, datou-se o AUTO DE REPARTIÇÃO DAS TERRAS proclamando-se CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE. Possuía doze casinhas de taipa e a Igreja não tinha porta onde o edital fosse fixado. Em 1630, quarenta. Em 1631, umas cinquenta. Os natalenses viviam nas fazendas, sítios, quintais, vindo assistir à missa dominical na Matriz, remodelada inicialmente em 1694, gravada numa pedra na soleira da porta principal da Sé. Durante o domínio holandês, despovoara-se quase totalmente, 1633-1654.

Em 1601 já era Freguesia de Nossa Senhora d'Apresentação, sendo vigário o Padre Gaspar Gonçalves da Rocha. Não havia imagem, mas um quadro representando o assunto sacro. A “imagem” apareceu, boiando dentro de um caixotinho no Potengi, na manhã de 21 de novembro de 1753. A pedra onde a Santa esperou que a retirassem, tradicionalmente identificada pelo povo, está assinalada e defendida graças ao benemérito comendador Ulisses de Goes. A imagem era do ROSÁRIO, mas o vigário, Padre-Doutor Manuel Correia Gomes, benzou o vulto como D'APRESENTAÇÃO, porque era o Dia dessa invocação. Ainda está no altar-mor da Catedral. É a

Padroeira da Cidade onde encontrara o rebanho, pecador e fiel.

Em 1746, vistora-o o 7º Bispo de Olinda, Dom Frei Luís de Santa Teresa, com péssima impressão, comunicada ao Papa Benedito XIV: “Natal, tão pequena, que além do título de Cidade, Igreja Paroquial e poucas casas, nada tem que represente a forma da Cidade.” E, como era espirituoso, completou a pilhéria: *A civitate Natali, sed NON TALI, ut attenta ejus tenuitate per jocos dicitur*: “Da Cidade do Natal, ou NÃO TAL, como em vista de sua pequenez, por graça se diz”.

Naquele tempo tínhamos a Matriz sem torre (1862), a capela do Rosário, (1714). Nem Santo Antônio 91763) E NEM Bom Jesus (1772). O prelado esperava outra visão.

Em 1757, 118 residências, 400 braços por 50 de largo diziam a área ocupada. Ainda em novembro de 1810, o inglês Henry Koster, vindo a cavalo do Recife via São José de Mipibu, admira-se e profetiza: “Cheguei às onze horas da manhã à Cidade do Natal, situada sobre a margem do Rio Grande ou Potengi. Um estrangeiro que, por acaso, venha a desembarcar nesse ponto, chegando a essa costa do Brasil, teria uma opinião desagradável do estado da população desse País, porque, se lugares como esse são chamados CIDADES, como seriam as Vilas e Aldeias? Esse julgamento não havia de ser fundamentado e certo porque muitas aldeias, no Brasil mesmo, ultrapassam esta Cidade. O predicamento não lhe foi dado pelo que é, ou pelo que haja sido, mas na expectativa de que venha a ser para o futuro.” *The rank must have been given*

to it, not from what it was or is, but from the expectation of what it might be at some future period.

Foi justamente o que sucedeu.

Há pouco mais de cem anos toda a Cidade compreendia-se entre a RUA JOÃO PESSOA, a FELIPE CAMARÃO e a SILVA JARDIM, diante da qual viviam mangues, caranguejos, lama e água salgada. Os atuais dez bairros estendiam-se na verde inutilidade da paisagem, manchada pela raridade fortuita dos casabres de palavra, perdidos na solidão do mato.

Quando um médico receitava banho de mar, ainda em 1910, ia-se a cavalo. A Avenida Circular ficaria no fim-do-mundo. Até 1919 havia um único e suficiente Vigário.

Em 1967, é a Cidade brasileira de maior número de automóveis *per capita*. Um ano antes teria o primeiro edifício de mais de dez andares. A população aproximava-se da terceira centena de milhar. A área povoada avança sobre Ceará-Mirim e São José de Mipibu. A ponte de Igapó, em 1916, interrompeu o isolamento para a margem esquerda do Potengi. O primeiro prefeito de Natal, Eng. Omar O'Grady, 1926, retirou a cidade do séc. XVIII e encarrilhou no XX. Certos aspectos datavam de duzentos anos sonolentos.

Foi a quarta cidade do Brasil.

De NATAL desmembrou-se o município de PARNAMIRIM em 1958.

(Verbete de Nomes da Terra - História, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo, Fundação José Augusto, 1968)



“Os atuais dez bairros estendiam-se na verde inutilidade da paisagem, manchada pela raridade fortuita dos casabres de palavra, perdidos na solidão do mato.”

Joaquim Nabuco

- pensamento e ação -

Manuel Correia de Andrade

No próximo ano, a 19 de agosto, o Brasil comemora o sesquicentenário do nascimento de um dos seus filhos mais ilustres: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. Nascido à Rua da Imperatriz, antigo Aterro da Boa Vista, a sua infância foi passada no engenho Massangana, de vez que o pai, o jurista e político, senador Nabuco de Araújo, não o levou, junto com a família, ao se transferir para o Rio de Janeiro. Nabuco, na vida de menino de engenho, deixou-se impressionar pela situação em que viviam os escravos, tornando-se, ao fazer-se adulto, o maior dos abolicionistas.

Analisando-se a trajetória política do grande escritor, tribuno e político, observa-se que, durante a vida pública, sempre norteou a sua atuação baseando-se em idéias que adotou e que defendeu com o brilhantismo que o caracterizava. Foi um incisivo combatente, mas nunca um radical; monarquista, nunca se portou como um intransigente diante dos ideais republicanos; como homem com cultura formada na Europa - onde por várias ocasiões viveu meses seguidos -, nunca relegou os valores da América do Norte, onde seria, na velhice, representante do Brasil; agnóstico, durante grande da vida, na maturidade converteu-se à doutrina católica e escreveu um livro sobre o processo de conversão.

Na sua vida de político, ele se norteou de uma forma mais ampla por três ideais: no princípio foi abolicionista, defendendo, de modo ferrenho, a abolição,

em seguida, ao sentir vitoriosa esta luta, ele encaminhou a sua energia em favor do federalismo, com a monarquia, e depois com a república, como diplomata, defendeu o panamericanismo.

Se quisermos periodizar a sua vida pública, podemos enfocar episódios das três fases, mostrando sempre a firmeza com que defendia os seus princípios, pondo muitas vezes em risco a sua carreira política. Assim, impressionado com a vida e o sofrimento dos escravos, ele descreveria, na maturidade, em *Minha Formação*, quanto foram formativos do seu caráter e de sua ação as experiências vividas em Massangana. Daí, ele partiria com as sementes do abolicionismo, pondo-se em choque com as idéias, então dominantes com sua família

materna - os Paes Barreto - e entre os políticos do Partido Liberal que tinha o seu pai como um dos principais líderes. Ainda estudante de Direito ele defenderia, em júri, um escravo que assassinara o seu senhor, livrando-o da pena máxima, escrevendo um livro fundamental sobre "A Escravidão". Depois viria a sua passagem rápida pelo parlamento imperial; eleito pelo Partido Liberal, como deputado geral, defendeu a abolição em sua forma mais radical, sem indenização aos proprietários de escravos. O direito à liberdade era fundamental para o grande tribuno do Recife e, no parla-



Joaquim Nabuco caricaturado como doceiro

mento e na Imprensa, ele defendeu a abolição aos escravagistas como aos emancipacionistas. Teve atuação brilhante durante o debate da Lei Dantas Saraiva, que libertava os sexagenários, embora a considerasse uma lei já ultrapassada, mas admitindo-a como um passo no caminho da abolição total. Em 1888, estava no Parlamento quando o gabinete João Alfredo, com o apoio ostensivo da princesa Isabel, então Regente do Império, apresentou o projeto de lei que abolia a escravidão, sem indenização. A oposição ao projeto de lei foi muito forte, tanto por parte dos conservadores que defendiam uma indenização para os proprietários dos escravos a serem libertados, como dos liberais que não se conformavam com o fato de um ato político liberal ser transformado em lei por um conservador. Nabuco que já se mostrara um radical em 1884, em campanha



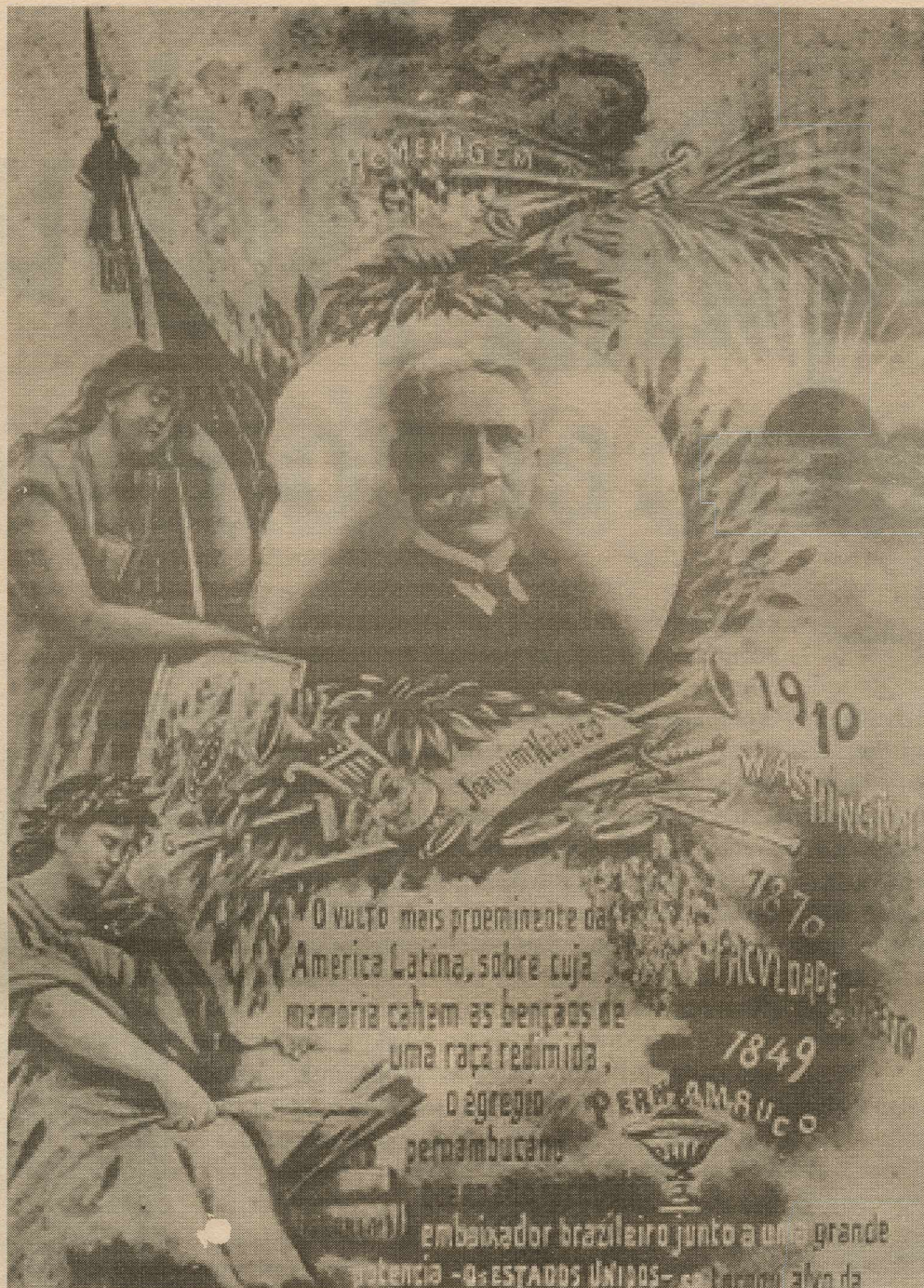
JOAQUIM NABUCO

eleitoral no Recife, mesmo tendo fortes queixas contra o chefe de governo que o esbulhara, apoiou-se com entusiasmo e foi o verdadeiro líder durante o trajeto do projeto na Câmara. A aprovação e sanção da lei de 13 de maio foram feitas com o maior entusiasmo pelo jovem político pernambucano.

Antes mesmo da aprovação da Lei Áurea, Nabuco, vendo que a escravidão agonizava, elegeu outro lema, outro ideal para nortear a sua ação política e o fez com a proposta federalista. O federalismo vinha dividindo a opinião pública brasileira desde a Independência e já se fizera salientar por ocasião do Ato Adicional à Constituição de 1824, mas a sua aplicação vinha sendo reduzida, sobretudo porque o Poder Moderador era muito forte na vida política brasileira e o imperador fizera florescer instituições que o mantinham. Assim, o Ato Adicional não conseguira extinguir certos direitos, como o do imperador nomear os presidentes de província e o de escolher em listas tríplices os membros do Senado vitalício. Os partidários do federalismo defendiam que os presidentes de província deveriam ser eleitos diretamente e que o mandato senatorial não fosse vitalício, mas temporário. O imperador também conseguira restaurar o Conselho de Estado, formado por conselheiros de sua livre escolha e dar ao mesmo grande força política.

Numerosos estudiosos combateram esta organização político-administrativa, dentre estes o político alagoano Tavares Bastos, que foi um dos grandes liberais do Império: em escala provincial a idéia federalista foi defendida por revolucionários em Pernambuco, na revolução Praieira em 1848/9 e na revolução Farroupilha em 1835/45. No fim do período imperial o ideal era defender a República e o separatismo, com ou sem monarquia. Nabuco, então, não mais moderado, defendia o federalismo, mantida a monarquia, porque ele temia que se chegássemos à República, poderíamos caminhar para o separatismo, já esboçado em São Paulo pelos republicanos, liderados por Campos Sales. O fracasso do federalismo extremamente mitigado do último gabinete imperial, o de Ouro Preto, levou o país à República e à adoção da forma federativa de Estado, inspirada no modelo americano.

Com a República, Nabuco afastou-se da vida pública e só retornou à mesma como diplomata, quando tornou-se admirador incondicional dos Estados Unidos e defensor do



Três legendas do Império. No centro, o escritor e diplomata Joaquim Nabuco, tendo à sua esquerda o escritor e diplomata Graça Aranha e, à sua direita, o poeta e diplomata Carlos Magalhães de Azeredo. Acima, desenho de Antônio V. Cruz, 1910, em homenagem ao Ginásio Ayres Gama. À esquerda, outro de desenho de Nabuco feito por Antônio Cruz num lenço de cambraia de linho.



panamericanismo. Na ocasião - primeira década do século XX -, ocorria a expansão americana sobre o Caribe - guerra da Independência de Cuba e a anexação de Porto Rico - e a política de intervenção dos países da região que discordavam da política de Teodoro Roosevelt. Nabuco comprometeu-se, até certo ponto, com esta política expansionista, o que desagradou ao Barão do Rio Branco, nosso ministro das Relações Exteriores, e ao seu conterrâneo, o diplomata profissional, historiador Oliveira Lima.

Assim, sem que se faça uma análise crítica aprofundada, para o que seria necessário um estudo mais longe, em sua trajetória política e intelectual, deixou-se dominar sempre por princípios, por doutrinas, ao contrário de muitos políticos que orientavam a sua atuação pelas solicitações e pelas oportunidades do momento. Ele agia dentro dos parâmetros ideológicos que abraçava, contrariando muitas vezes a amigos e prejudicando a sua carreira. O sequecentário do seu nascimento deve ser a oportunidade, sobretudo em Pernambuco, para que se promovam eventos e pesquisas sobre a grande figura do político, do tribuno e do historiador que teve uma influência extraordinária no último século da vida pernambucana e brasileira.

(Extraído do "Suplemento Cultural", do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Ano XII, Julho de 1998)

Manoel Correia de Andrade é geógrafo e historiador pernambucano.

Breve apresentação da poesia de Ascendino Leite

Nelson Patriota

A poesia de Ascendino Leite, esse venerável octogenário paraibano autor do mais extenso jornal literário do país, parece se contentar com, aparentemente, pouco: a presença da mulher como idéia e motivo poético. A leitura de sua *Poesia Reunida*, incluindo os livros *Jardim Marítimo*, *Visões do Vale*, *Os Juízes* e *O Nariz de Cíntia*, que acaba de sair pela Idéia - Eda Edit, João Pessoa/PB, é em tudo surpreendente por dar relevo a um erotismo formalmente pudico, mas sensorialmente potencializado ao máximo. Ao sátiro Marcos Farias Costa essa poesia despertou impressões de uma confortável familiaridade poética, o que não deixa de acrescentar um reforço extra a essa poética.

Exulta Marcos Farias: "Você [Ascendino Leite] me surpreende com a sua lira docemente pornográfica ("Sejamos docemente pornográficos", entusiasmava-se Drummond) acendendo (Ascendino!) círios do altar de Vênus." (trecho da "orelha" esquerda de *Poesia reunida*).

O crítico Ivan Junqueira não escamoteia a estranheza poética que lhe produziu a leitura de *O nariz de Cíntia*, decorrente da idéia insólita de poetizar o nariz de uma mulher, "e você o faz com rara mestria, sobretudo no poema que dá título à obra, e em "Força nasal". É tal o efeito "devastador" desse encontro, que o crítico carioca promete que doravante passará a contemplar com mais lirismo e minudência o nariz das mulheres, particularmente os que forem "finos e retilíneos".

Antônio Houaiss, entre léxico e gastronomia, vislumbrou na poesia de Ascendino Leite um "encantamento" revestido de "cores de admiração". E rendeu-se, confessando-se "ascendinista convicto".

Ao crítico José Rafael de Menezes, a poesia de Ascendino Leite sugere inflexões bíblicas, à maneira dos Cânticos de Salomão.

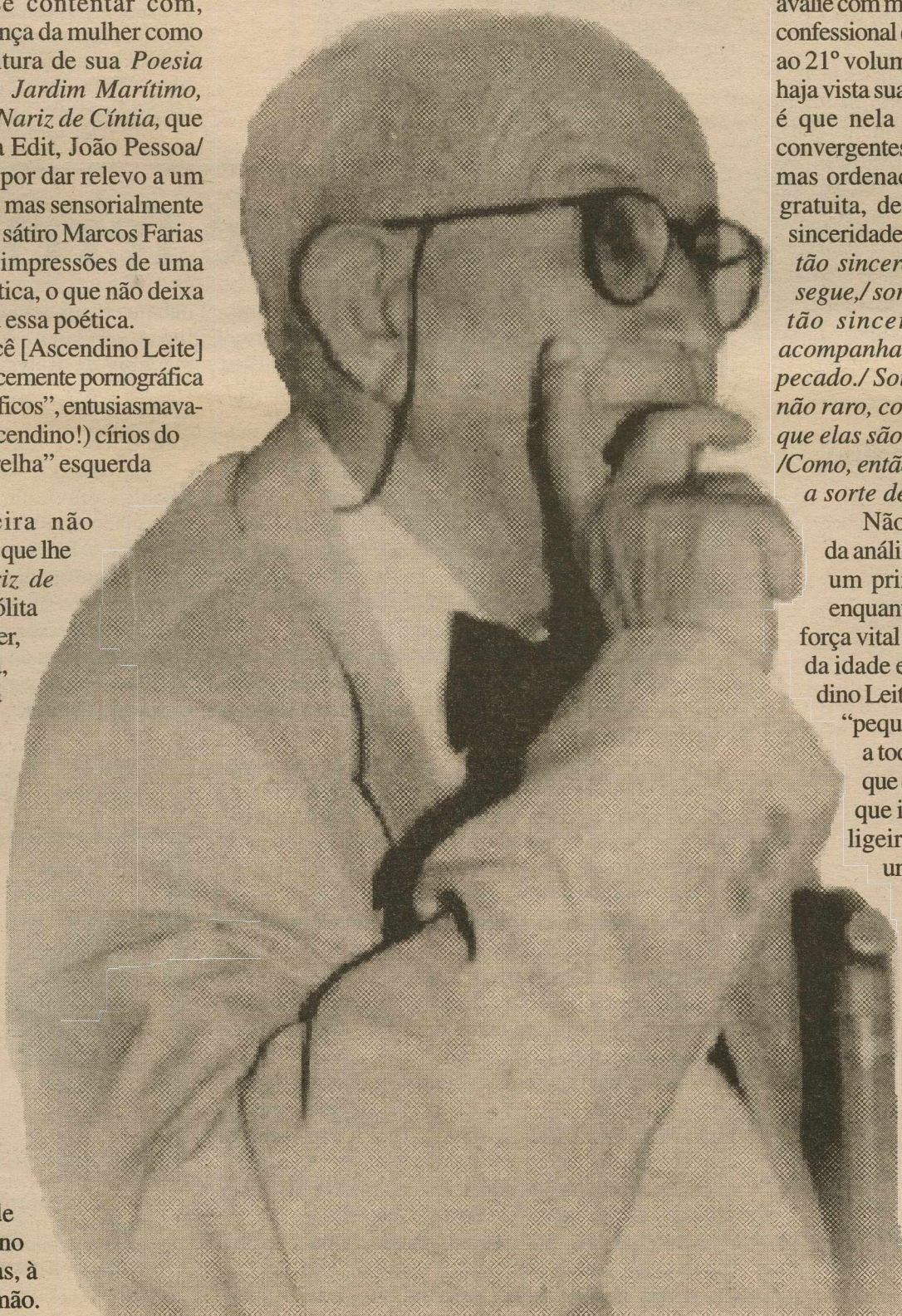
O poeta e confrade Hildeberto Barbosa Filho vê nessa poesia um "pequeno tratado dos sentidos, por onde perpassa o desejo como força regeneradora da vida".

Em suma, a poesia de Ascendino Leite (falta quem avalie com mais minudência a sua rica e extensa prosa confessional dos jornais literários, que chegam, agora, ao 21º volume!) recebe uma aclamação insuspeita, haja vista sua procedência; mais importante, porém, é que nela se destacam aspectos vários, mas convergentes: sensualismo, erotismo, ludismo, etc., mas ordenados por uma cadência vésica nunca gratuita, desordenada. Veja-se, por exemplo, a sinceridade poética do poema "Meu Rosto". "Sou tão sincero no que faço/ que penso: Deus me segue,/ sorrindo e abençoando no pecado.// Sou tão sincero no que penso,/ que Deus me acompanha no passado,/ - velho tributário do pecado./ Sou tão veraz por entre as coisas,/ que, não raro, com elas me confundo./ Daí que, fiel ao que elas são,// sei que Deus me abona no que sou. /Como, então, não creditar/ a Deus Nosso Senhor,/ a sorte de, a toda hora, ter desejos?"

Não é preciso ser escolado nos mistérios da análise freudiana para detectar nesse poema um princípio do prazer, um louvor à vida, enquanto desejo, enquanto erotismo desejante, força vital que desconhece inclusive as fronteiras da idade e do tempo. Nisso, a poesia de Ascendino Leite é, como quer Hildeberto Barbosa, um "pequeno tratado dos sentidos". "A sorte de, a toda hora, ter desejos" é um desses versos que emanam do mesmo princípio dionisíaco que inspira, por exemplo, canções nem tão ligeiras assim de um Caetano Veloso ou de um Djavan, mas que só no reino particular da poesia encontra a plenitude de sua forma.

Essa insistência na mulher enquanto objeto de culta perpassa toda a poesia de Ascendino Leite. Em *Recomeçando*, poema de "Jardim Marítimo", ele conclui, outra vez apoiando-se num "álibi" divino: "Ora, Deus não está apenas no que penso,/ Deus ferve no meu sangue,/ me olha por dentro, me dá forma, me transmite.// - Deus é Milena, vinte anos, bela,/ instrumento eficaz de sua glória."

Em "Procurando Julietas" ("Da



Vida Breve”), o poeta se compara aos poetas de antanho que “percorriam/ as ruas de Verona procurando Julietas”. Mas a graça do poema está no coloquialismo à Drummond com que abre o poema: “Há oito Ananias na lista telefônica./ Um deles deve ser o pai da Julieta./ Tenho de achá-la, ainda uma vez mais...”.

Há momentos outros, na variada lira de Ascendino Leite, em que o poeta mostra seu eu romântico. Como em “O povo no céu” (“Da vida breve”), que citamos na íntegra: “Pensar em ti é sempre me lançar/ a melhor noção do devaneio/ é ver o pássaro à minha frente/, ouvir o som da palavra que ele / me pudesse transmitir como uma prenda;/ é reagir e sobreviver a cada mágoa mortal; é impedir que a dor te ofenda ou te faça infeliz./ Contigo é associar-me à substância/ em que flutuam/ a pureza e a candidez que conduzem o povo/ do céu.// Os jovens: esse povo celeste que corre ágil/ pelas veias do sonho, do delírio e da paixão”.

Lembra o crítico José Rafael de Menezes, no belo prefácio que escreveu a *Poesia Reunida*, de Ascendino Leite, que o poeta já sentenciara que a mulher é o primeiro destino do homem. Ao transformá-la em motivo último de sua poesia, Ascendino Leite quer revelar que sua sentença não é apenas um *mot d'esprit*; dela se pode extrair toda uma poesia, detentora de um erotismo para além das fronteiras da idade e dos sentidos; que se traduz, em suma, como o outro nome da palavra vida.

Nelson Patriota é jornalista, tradutor e editor de O GALO.
E-mail <nelson@digil.com.br>

Alguma poesia de Ascendino

O nariz de Cíntia

Comigo, e imersa nas rudes
carências do meu ser,
Caminhou a natureza animal
da minha espécie.
Era a hora do repasto na loja
dos comeres
e dos rostos erguidos sobre tais
bandejas
que acabaram reunindo os manjares
mais finos.
Do meu lugar obscuro, alongo o
olhar sobre eles,
- criaturas conversas ao evangelho
dos convívios de mesa e discursos
à razão social de cada alma vazia.
Ah, bocas pra que falais? E assim
mostrais
vossos iridentes molares apontando
as formas de vossa abóbada palatal?

Os risos equivalem aos plenos gastos
Satisfeitos
De cada conviva, demasiado engajado
Nesse afodegamento
Em dia claro: uma saga exemplar,
Composta de perfis, como o desse teu
Nariz,

Inserto no cenário, fino e retilíneo,
Marcando tudo o que entrevejo no
teu porte.
Sim, o nariz de Cíntia.
Oh, esse delicado nariz, com um selim

Para o primor de óculos a requerer
Paisagens e a imaginar outeiros,
Além do vale seco, essa desolação!
Chego, quero ver, tocar e produzir,
à sombra frágil do nariz de Cíntia,
a adoração que ele merece,
o que tenho de fazer, antes que ele
me atravessasse.

Não importa o que és, o que sou,
o que vale
esse teu nariz heróico, cheio de
Deus e de mundo,
o mais belo da minha coleção, na
cidade turística.
(De *O nariz de Cíntia*)

Sinfonia corporal

Paciente e apaixonado, resoluto.
Quero passear sobre o teu corpo;
aí, onde estás, fitando o teto,
e arfando, ansiosa, a cada toque meu.
Que silêncio o que nos cerca e emudece!
Deixa que me demore um pouco sobre teu colo
e conduza minha mão para o teu ventre.
Suave é o calor que o envolve

e se ajusta à secreta dimensão do seu mistério.
Agora, os teus quadris robustos agem
e sustentam o vale auspicioso dos prazeres.
Amorosa e firme, minha mão resvala
no chão embriagado pelo teu suor.
Quero-te assim, neste compasso vaginal,
ninho de delícias e de volúpia - tua carne,
tua alma, teu ser e tua graça:
- o melhor do teu corpo - eu vi, eu quis.
(de *Jardim Marítimo*)

Natalício

Senhora? Mas és tão jovem e tão afim
às coisas que afloram! Aí nascem
os dias brilhantes, luminosos.
Viverão contigo anos como luzes,
solenes natalícios por merecidos dons.
Deixa, então, que eu me insira neles
como teu nome, o verbo feito flor.
(De *Jardim Marítimo*)

Do poema inacabado

Pensamentos, pensamentos...
Assim, aos magotes, batei-me.
Mas depois, por favor, ide.
Ide embora. De uma vez.
Quero ficar só.
(De *Jardim Marítimo*)

Molhos de ferrugem

Nunca vi Joana D'Arc nua. Nunca vi mesmo.
Sequer vestida, muito menos descoberta, só epiderme
e músculo pra valer. Sendo ela tão moça, seria o cão.
Assim, nunca a vi. Posso até jurar. Por minha probidade
inatacável, e minha natural resistência ao impudor.

Hoje, vi essa criatura. E por vários momentos, com
muita gente em torno. E ela no meio; calada; fechada
em si mesma; indiferente.

Eu vi. Bem ao mesmo lado, no fim do almoço dela,
antes do meu, que começava. Ela, próxima de mim, e
ao mesmo tempo distante, tocando-me de leve o braço
direito, contra o esquerdo seu, lindo, lindo. Falei:

É você? Deixe-me vê-la melhor!

Ela me olhou e sorriu. Mesmo sentada, não
disfarçava a estatura. Era alta, forte, imponente; no
entanto, seduzia como um menino grande, migue-
lângelico, florentino.

O que eu estava, então, a ver atestava o absoluto
do que nela me percorreu um suspiro humano. Doce,
cálido, retido no corpo de uma espécie de deusa turca,
saindo da sombra, um rosto todo beleza, criado para
inspirar poemas.

Três mulheres três companheiras. Camaradas.
Também, porque esta palavra cobre uma auspiciosa
unicidade humanística.

Vieram comigo as três.

Comemos e bebemos. Estamos, apenas, enleados
em dois mil e um pretextos para não ultrapassar a
linha da normalidade social.

É que dentro de nossas vestes de passeio, estamos
como nascemos. Ninguém desdenha ninguém, pouco
importando que a noite aponte no céu. E a lua avance
sem cobiçar os astros. Os nossos desejos. As nossas
doenças, as nossas intenções - as melhores possíveis,
segundo as avaliações de nossa competência.

Não é porque, por entre as mesas velhas, velhos
retratos nos olhem por via dos seus perfis sagrados.
Ou o das nossas doces avós (nonnas) de origem

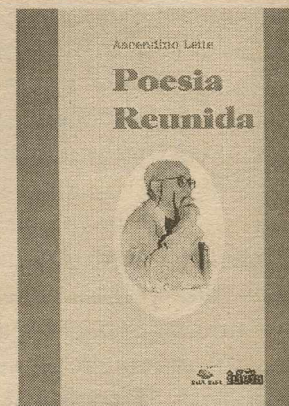
italiana. E nos embeveçam elas baixando as blusas de
filó, a revelarem sua embaçada robustez (como os
modelos de Rubens ou de Renoir), estirados em
chaises longs adquiridas em antiquários do Alto do
Mateus. Robustez que logo se vê moldada por massas
e molhos de ferrugem, prato por prato.

(Vejo risos em Conception. Sorrisos na Guadalupe.
Risadas em Jadercy. - Muito longinquamente,
emergindo do Planalto, a musa sonhada e convertida
em nome: Alice Spindola, bem aso meu lado, ansiosa,
como se me pedisse uma elegia ou uma sentença
amorosa para sempre).

Isso diz o essencial da nossa capacidade de resistir
à usura insidiosa do lazer provinciano. Não obstante...

Temos que viver, apesar das panteras e dos caniços
pensantes, dos crocodilos e das disnossauras indígenas.

(Extraído de “Surpresas na partida” - jornal literário
- de Ascendino Leite - Eda Edit, João Pessoa, 1999)



“Jardim Marítimo” e “Poesia Reunida”
formam dois momentos significativos da trajetória
poética do também jornalista, tradutor, ficcionista e
memorialista paraibano Ascendino Leite.

Notas Baudelairre

A uma passante

Charles Baudelaire / Tradução de Luís Carlos Guimarães

Na animação da rua em tumulto e algazarra
uma mulher passou, fatal na majestosa
dor de seu luto. Nobre, com sua pomposa
mão levantou o vestido e agitando a barra

entremostrou as pernas de estátua morena.
No lívido céu de seu olhar, firmamento
de borrasca, bebi em demente alumbramento
a doçura que engana e o gozo que envenena.

Um clarão...e a noite! A beleza fugitiva
de seu olhar me fez renascer. Rediviva,
será que a verei outra vez na eternidade?

Bem longe daqui e já tão tarde! É verdade
que não sabes de mim e nunca mais me viste,
ó mulher que eu amaria, tu o pressentiste!

À une passante

Charles Baudelaire

La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;

Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant
Dans son oeil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.

Un éclair... puis la nuit! - Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?

Ailleurs, bien loin d'ici! trop tard! *jamais* peut-être!
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
O toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!

Luís Carlos Guimarães é poeta e tradutor. Escreveu *A lua no espelho*, *O fruto maduro*, *O sal da palavra*, *O aprendiz e a canção*, entre outros.



Um ourives da palavra

Manoel Onofre Jr.

No dia 15 deste mês transcorreu o 90º aniversário de nascimento de Edgar Barbosa, um dos mais ilustres intelectuais norte-rio-grandenses.

Mestre Edgar foi Professor, Juiz de Direito, Jornalista e, sobretudo, Escritor - ensaísta, articulista, senhor de vasta cultura literária, cujo estilo tem sido louvado por inúmeros estudiosos das nossas letras(*)

Tímido, retraído, muito rigoroso consigo mesmo, ele deixou somente quatro livros e algumas plaquetes; no entanto, muito do que escreveu para jornais e revistas poderia ser reunido em um ou dois volumes. É pena que toda essa produção jornalística ainda esteja dispersa. Trata-se de matérias do mais alto nível, sobre assuntos variados, nos domínios da História e da Literatura, especialmente. O resgate dessa obra, para conhecimento das novas gerações, torna-se imperativo.

Como já tive oportunidade de dizer, mestre Edgar era um ourives da Palavra. Sem concessões à oralidade, mas na melhor tradição dos clássicos portugueses, ele tornou-se estilista consumado. Segundo Nilo Pereira, "o maior escritor que o Ceará Mirim produziu, em qualquer tempo e o maior estilista do Rio Grande do Norte". Sua prosa é lapidar. "Uma frase sua - como disse Virgínius Da Gama e Melo - pode envolver, dissimuladamente, mundos de leituras, de meditações, de manuseios dos mestres da língua". (Artigo no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, 13-03-1965).

Para mestre Edgar, homem de grande cultura, amante das letras, a palavra escrita afigurava-se algo



precioso que nem ouro ou prata. Daí o seu proceder de joalheiro.

Mas convém salientar, nunca resvalou em preciosismos.

Sua curiosidade intelectual dava-lhe a dimensão de humanista, de intelectual da Renascença. Versando temática variada, ia de Leonardo da Vinci a Machado de Assis; de "Alguns Aspectos da Livre Convicção" a Liberdade e Responsabilidade como condições do Jornalismo.

Era um teórico, mas também um observador do cotidiano. Com a mesma desenvoltura com que expunha complexas teses, descia ao circunstancial, notadamente em suas atividades jornalísticas.

Fui seu aluno na velha Faculdade de Direito, na Ribeira. Admirava-o, antes de tudo, pela inteireza e

pela bondade, virtudes que ele, por uma espécie de pudor, procurava esconder.

Professor de Direito Constitucional, o seu papel, em plena Ditadura Militar, sob a qual vivíamos, tinha grande importância. E o desempenhou de maneira exemplar. Nunca poupou críticas aos "gorilas", mesmo em aula. E nenhum destes, jamais, tentou colocar-lhe uma mordaca, tanta era a autoridade moral, tanto o respeito que impunha.

A turma toda adorava mestre Edgar, apesar de sua austeridade, do seu jeitão de D. Casmurro. No final do curso, escolheu-o como paraninfo.

Lembro-me de um fato que diz de sua generosidade. Quando eu ainda era seu aluno, pedi-lhe que prefaciasse o meu primeiro livro, *Serra Nova*. Pois ele não apenas fez um belo prefácio, como ofereceu-se para ir comigo à presença do Reitor Onofre Lopes,

para solicitar-lhe a publicação da obra através da UFRN. E, graças ao bom padrinho, pude estreitar em livro.

(*) Edgar Ferreira Barbosa nasceu em Ceará Mirim (15-02-1909) e faleceu em Natal (06-08-1976).

Tenho a hora de ocupar a cadeira nº.5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual ele foi o primeiro ocupante, e cujo patrono - por ele escolhido - é o escritor e jornalista Moreira Brandão.

Manoel Onofre Jr. é autor de *Ficcionistas do Rio Grande do Norte*, *Chão dos Simples*, *Guia da Cidade do Natal*, entre outras obras.

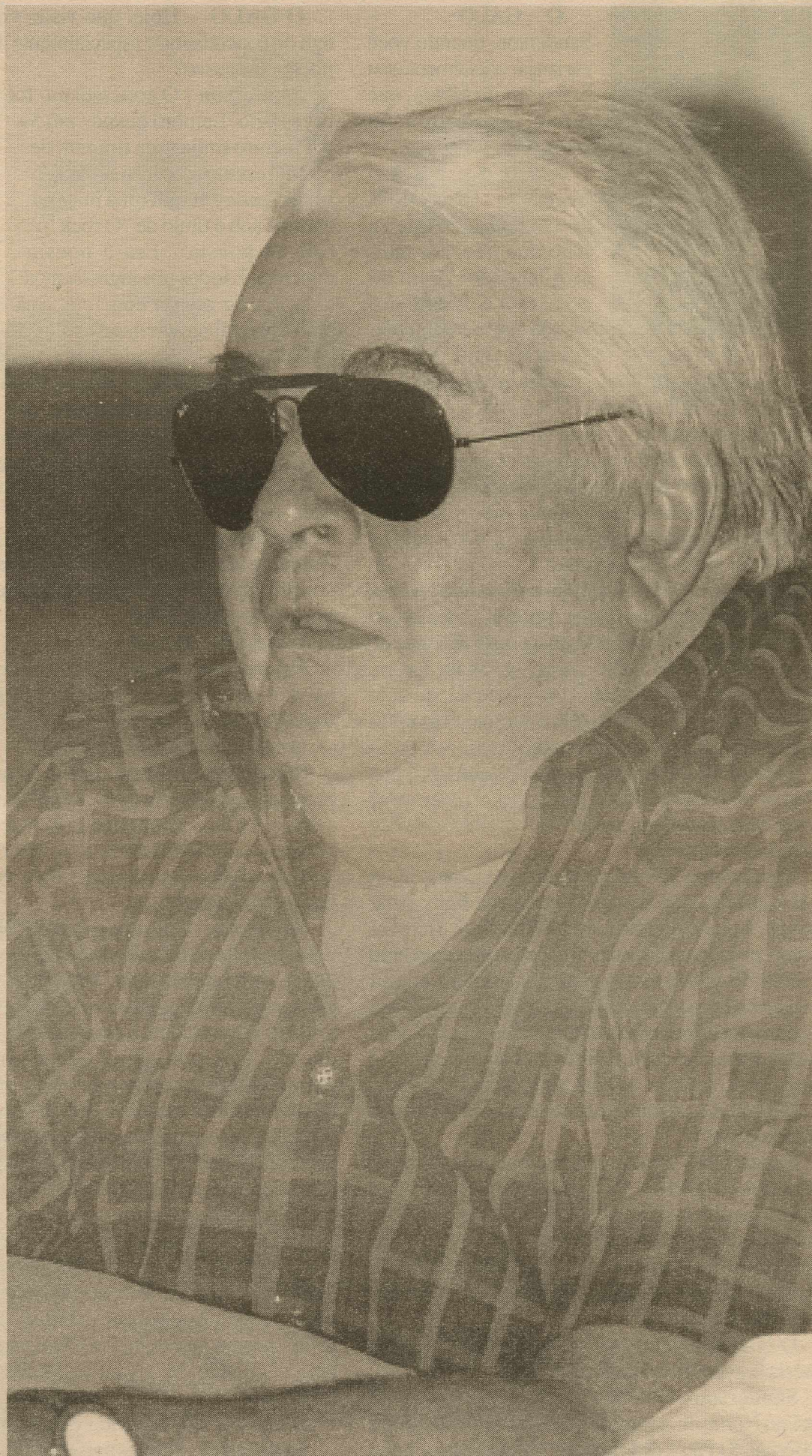
Maior exemplo de precocidade literária na poesia norte-rio-grandense (aos 16 lançou o livro *O ritmo da busca*), Sanderson Negreiros vive, aos 59 anos, um momento de grande atividade literária, depois de ter feito uma carreira extraordinariamente marcante na imprensa escrita do Estado. Poeta, jornalista, cronista, professor, pesquisador de assuntos aparentemente opostos como física, metafísica, kardecismo e espiritualismo oriental, Sanderson anuncia para breve um grande projeto literário: um romance, cujo título será *O trigésimo domingo da Quaresma*, misto de biografia sobre o seu irmão Emerson, e de romance histórico, que terá em frei Miguelinho um dos seus protagonistas.

Com dois livros recém-publicados - *Fábula fábula*, reunião de sua poesia até agora, e *A hora da lua da tarde*, crônicas, Sanderson Negreiros tem grandes planos literários para os próximos dois ou três anos.

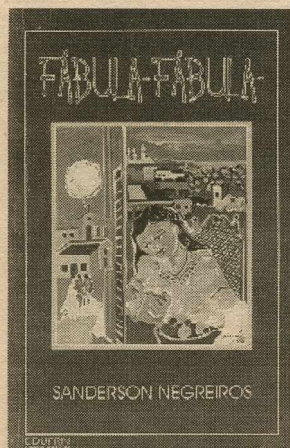
Ainda este ano espera lançar uma coletânea de entrevistas que fez na imprensa potiguar na década de 60. O livro, em preparo, chamar-se-á *Na direção do relâmpago*. A ele seguir-se-á uma pentalogia de crônicas, espécie de mosaico sentimental da geografia natalense. Cada livro contemplará um bairro da cidade: *Tardes do Alecrim*, *Manhãs do Tirol*, *Noites da Ribeira*, *As Rocas melancólicas* e *As Quintas profundas*.

Em entrevista a O GALO, Sanderson Negreiros discorre sobre tópicos como poesia, crônica, jornalismo, vida espiritual e lembra passagens marcantes da vida intelectual natalense.

A entrevista foi feita pelo jornalista Nelson Patriota e teve a participação do jornalista Tácito Costa, redator de O GALO, e ainda do coordenador da Coordenadoria de Pesquisas e Estudos da Fundação José Augusto, Dácio Galvão, e do poeta Luís Carlos Guimarães.



Sanderson Negreiros

**O GALO**

Sanderson, quando você vai lançar oficialmente seu livro *Fábula fábula*, que reúne sua produção poética?

Sanderson - Esse livro já foi tão badalado que eu acho que não vou mais nem lançá-lo. Além do mais, está com um erro gráfico que me fez perder todo o encanto por ele. O

erro aparece no título do poema no Índice, e na página 125, onde escrevo: "Nas mãos, o acento suave de tua esperança". Saiu diferente: Nas mãos, o assento suave de tua esperança". Eu pegando na bunda da mulher! (risos). E foi o livro que mais sofreu revisão. Pedro Vicente fez umas cinco revisões, a secretária dele também revisou, eu fiz outras tantas. Eu estou mais entusiasmado com o livro de entrevistas em que junto trabalhos feitos na imprensa na década de sessenta e que intitulei "Na direção do relâmpago". Eu tirei essa imagem do discurso de Marco Antônio do "Júlio César", de Shakespeare, que eu tenho gravado por Carlos Lacerda, quando ele diz: "Júlio César, teus olhos sempre estiveram voltados na direção do relâmpago".

O GALO - Quais as razões por que você nos últimos anos não publicou nenhum livro de poesia? A poesia o abandonou (o que não acredito) ou você abandonou a poesia?

Sanderson - Sou um razoável poeta menor. Dizia Nei Marinho que o sujeito que bebe bem, bebe pouco. Aquele que escreve poesia, deve escrever pouco, porque a coisa mais difícil é escrever um bom poema. O que eu tenho visto nos grandes nomes nacionais da poesia de poemas ruins é uma coisa assombrosa. Eu converso muito isso com Luís Carlos Guimarães. Até que quando a gente encontra um bom poeta, um bom poema, é um achado.

O GALO - Quem você citaria hoje como um grande poeta?

Sanderson - Tem um grande poeta na Paraíba, chamado Vanildo Brito, com quem eu me correspondo há 30 anos. Eu li uns poemas dele, atualmente, no Correio das Artes, que são excelentes. E estou lhe escrevendo para que ele me mande seus livros os quais, infelizmente, a gente não encontra por aqui.

O GALO - Onde você acha que está a melhor poesia brasileira da atualidade?

Sanderson - A melhor poesia brasileira de hoje está no Nordeste, especialmente em torno do grupo do jornal "O Pão", de Fortaleza: Virgílio Maia, Jorge Tufic, Magela Colares, é um grupo espetacular, cearenses e pernambucanos. O melhor grupo de poesia do país. Mas aqui e na Paraíba também se faz ótima poesia. Em resumo, a melhor poesia brasileira está no Nordeste. E sempre foi assim. Cite um grande poeta do sul?

O GALO - Alexei Bueno, talvez.

Sanderson - É muito discursivo.

O GALO - Hoje, que visão você tem do concretismo e especialmente do poema processo?

Sanderson - O concretismo foi necessário. Lembro quando em 54 o Cruzeiro tinha uma tiragem de 800 mil exemplares tinha explodido Elvis Presley, e saiu uma matéria enorme sob o título de "O rock 'n' roll da poesia". Era a poesia concreta. E todos nós ingressamos nela. Eu fiz poesia concreta. Sua grande contribuição é que eles têm um grande poeta, chamado Augusto de Campos. Tem um poema para Pagu e um poema para Mário Faustino, que ele não inclui em suas obras completas, que são dos mais bonitos da língua portuguesa.

O GALO - Como você vê Haroldo de Campos?

Sanderson - Quem sou eu para julgar Haroldo? Haroldo é um erudito à maneira germânica. A grande contribuição dele é a contribuição teórica. Como poeta, não gosto.

O GALO - E como tradutor?

Sanderson - Eu acho muito bom. Tudo o que ele faz no campo da criação, da recriação, da tradução, do ensaio, é muito bom.

O GALO - E Décio Pignatari?

Sanderson - Esse, se alguém me provar que ele escreveu um poema que preste na vida, eu me suicido. Eu faço como aqueles monges vietnamitas, vou para a rua, boto gasolina nas vestes e toco fogo.

O GALO - Sanderson, como você avalia o poema processo?

Sanderson - O poema processo foi importante pelo seguinte. Os jovens daqui do Rio Grande do Norte tinham um líder. Chamava-se Moacy Cirne, e foi o líder mais interessante do mundo. Um sujeito que liderava sem aparecer, sem dizer que era líder, sem querer liderar; um caráter extraordinário, e era o mais bem preparado, quem mais lia e estudava. Ele já tinha aquelas posições, que a gente podia concordar, podia não concordar, fez com que esse grupo todinho em torno dele se tornasse um grupo coeso. Foi quem lançou o poema processo, que é uma continuação do concretismo. Mas normalmente a poesia é fraca. E esse Mário Chamie é um das maiores mentiras que existe. Moacy tinha muita influência. Eu lembro que mostrei a ele o esboço de um poema processo. Pois bem, ele levou para casa e quando eu vi, eu já estava no poema processo.

O GALO - Que escritor o influenciou mais?

Sanderson - O que mais me influenciou foi um poeta e um livro. O poeta, Thiago de Melo, o livro, *Narciso Cego*. Vou explicar por quê. Quando saí do seminário, aos 13 anos, eu já tinha estudado latim, grego, etc. Mas no meu tempo, inacreditavelmente o seminário não tinha uma biblioteca, um único livro, com exceção do missal, e da gramática



POEMA HORIZONTAL

Sanderson Negreiros

As torres de lonjura
embaciadas. O lago findo
na estrutura do desconsolo.
Ervas transparentes descem
pelas escarpas e o frio
constrói as ondas do outeiro.
As águas correm sem crisálida
e os braços apertam corpos.
Mesmo que o ar não mude
se desmancharão as flores.
A arquitetura fugitiva,
espaço em penumbra, interrompe
sombras ocas: as sombras
dúplexes das tumbas. De vigílias
se movem à acolhida fonte
os ninhos temporais do sono.

de Eduardo Carlos Pereira, de 400 e tantas páginas. Não tinha uma frase de um escritor. Nem os Lusíadas. Eu nunca li um livro no seminário. Eu descobri que havia no seminário um quarto trancado com os livros que sobraram da biblioteca do Padre Monte. Consegui uma chave falsa e entrei no quarto. Foi quando eu peguei toda a coleção da revista Ordem e Vozes. Li tudo isso. Foi quando li Tristão da Athayde, Jacques Maritain, Léon Bloy. Enquanto a turma rezava o terço, eu lia.

O GALO - Foi aí que você decidiu sair do seminário?

Sanderson - Sim, isso foi no ano de 1953. Saio do seminário, visto uma calça civil. Naquele tempo eu já vivia siderado por livro. Fui à rua coronel Cascudo. Lá tinha livraria chamada "Livraria Boitatá". Quando entro, tem um sujeito que logo eu sabia que se chamava Dorian Gray, e que eu não sabia quem era. Quando eu olhei numa estante, tinha um livro, chamado "Narciso Cego". Até então, eu só havia lido os poemas de Castro Alves. Era um livro de Thiago de Melo, para mim, é o único livro de Thiago de Melo que presta. Eram poemas de preocupação metafísica. Eu me volvei para aquele sujeito perto de mim (Dorian Gray) e perguntei: "Você acredita em Deus?". Ele achou interessante a pergunta, e começou a conversar comigo. Eu falei para ele que havia saído do seminário, que estava achando fabuloso aquele livro, e já tinha lido Horácio, Virgílio, Homero, mas não tinha visto nada da poesia moderna. A coisa mais "moderna" que eu conhecia era o "Navio Negreiro", de Castro Alves, e os poemas de Casimiro de Abreu. No fim da conversa, ele me levou para conhecer Newton Navarro, que morava na casa de Moacir de Goes, esquina hoje com o Banespa. Newton se levantou e veio falar com a gente. Foi outro impacto: Newton tinha se levantado às cinco horas da tarde de uma ressaca, ainda com o cheiro de cerveja! Eu nunca



tinha sentido aquilo, e fiquei impressionado.

O GALO - Que amigos você fez nessa época?

Sanderson - Dorian Gray foi o primeiro amigo que eu fiz. Luís Carlos Guimarães morava em João Pessoa. Estudava e amava João Pessoa. Ele já namorava com Leda e já fazia uns poemas. Aí Dorian me mostrou um poema dele: "Aqui jaz um menino azul/ tragicamente desaparecido/ num desastre de velocípede". Eu fiquei encantado com o poema. Então poesia é isso?, me perguntei.

O GALO - Que outras amizades lhe marcaram nessa época?

Sanderson - Nesse tempo eu também conheci os irmãos Patriota - Nilson e José. José era uma figura extraordinária. Um sujeito alto, com sobrelhas à Nietzsche, um cavalheiro e um grande poeta. Ele decorava seus poemas e gostava de declamá-los. A gente ia para a Praça Pio X para ouvi-lo declamar poemas. Nesse tempo eu também

havia feito amizade com Woden Madruga, e a gente costumava frequentar a casa dos Patriota, que ficava ali onde hoje tem umas lojas, em frente ao CCAB Norte, em Petrópolis. José era gerente da Casa da Música, de Gumercindo Saraiva. Deixou tudo, foi para São Paulo, tornou-se industrial e morreu num desastre de automóvel. Nilson era ensaísta. Era metido a cavalo-do-cão. Foram meus primeiros amigos.

O GALO - Que outros amigos você fez nessa época?

Sanderson - Depois fiz amizade com Berilo Wanderley, com Newton Navarro. Mas Newton, ninguém podia seguir Newton... Mas quando ele estava em casa, ele passava muita dica pra gente. Ele tinha tido uma vivência muito importante em Recife, com escritores como José Gonçalves de Medeiros, que marcou uma geração inteira, e Newton falava de autores de quem eu nunca havia

ELEGIA DOS 16 ANOS

Sanderson Negreiros

Acesa flor de ausência,
son de seixos e memória
do leito morno da infância.
Vínculos inexpugnáveis
prendem-me aos gestos derradeiros,
aos trigais da morte prematura.
Meu corpo cinzento e esquecido
perdeu a substância irrevelada
e a inocência das remotas formas
de embalar brinquedos e confabulações.
Onde as praias do sonho e os violinos
exilados da infância? As lanternas
azuis explodem lanças e fogo,
e me ferem. A poesia, contudo, clama
o retorno às viagens...
Navios repousam em mim
e o instante de partir nunca chega.
Velas marinhas e os bordos da primavera
procuram-te, Musa fugitiva,
para a caminhada, ao longo do frio vento,
em amanhecer.

ouvido falar, Hemingway, Faulkner. Naquele tempo não tinha livro em Natal, não tinha onde comprar. Lembro que as únicas pessoas que haviam lido Jakob Wasserman em Natal eram Hélio Galvão e Luís Carlos Guimarães. Os livros não chegavam aqui.

O GALO - *O ritmo da busca*, seu livro de estreia, denota uma precocidade fora do comum, pois foi publicado quando você tinha 16 anos. Sua qualidade ainda é a mesma e até tem crescido no julgamento do tempo. Como você o vê hoje?

Sanderson - Ninguém repudia nem o que fez de errado. E esse livro deu certo, apesar de ter sido um livro de muito sofrimento. Antônio Pinto de Medeiros, que ia publicar meu livro, havia saído da Imprensa Oficial, e aí vivi um drama para publicá-lo. Eu e Sebastião Carvalho levávamos o chumbo derretido do Diário de Natal, que nesse tempo era na avenida Rio Branco, até a Tipografia Galhardo, na Ribeira, para compor o livro. Eu digo no livro que eu fui o primeiro poeta a levar literalmente chumbo na cabeça.

O GALO - Que imagem você guarda hoje de Sebastião Carvalho?

Sanderson - Sebastião Carvalho não tinha o primário, mas era uma figura extraordinária. Traduzia inglês, francês, alemão, fazia todos os programas da Rádio Poti, todas as novelas da Rádio Poti. Era um sujeito extraordinário e um grande profissional.

O GALO - Podemos afirmar que havia ecos de Castro Alves e de Casimiro de Abreu no *O ritmo da busca*?

Sanderson - Absolutamente! Só desarnei quando li Thiago de Melo. Foi minha única influência.

O GALO - Você já tinha conhecimento da obra

de Rimbaud?

Sanderson - Tinha, mas muito pouco.

O GALO - Você fez algum paralelo entre o seu trabalho e o de Rimbaud, do ponto de vista da precocidade?

Sanderson - Não, eu não tinha livro de Rimbaud. Li dele apenas algumas traduções esparsas. Vi a palavra 'navego' em Rimbaud, se não me engano. Depois Zila Mamede incorporou essa palavra à sua obra.

O GALO - A propósito, que lembrança você guarda de Zila Mamede?

Sanderson - Zila Mamede foi minha professora de poesia. Ela ensinava poesia. Zila teve muita influência sobre mim e poderia ter tido mais se ela não saísse tanto de Natal. Zila ia fazer curso em Recife, no Rio de Janeiro, nos Estados Unidos, saía muito.

O GALO - A precocidade também se manifesta em você no jornalismo. Como você vê isso?

Sanderson - Desde a infância em Ceará-Mirim, recordo que eu subia numa árvore e costumava olhar para o Norte. Lembro que disse isso num poema. Eu imaginava que existiam mundos imensos ali. Certa vez - eu tinha 16, 17 anos -, ouvi no rádio que o rei do Iraque havia sido assassinado, e as tropas militares assumiram o poder no Iraque. Eu tive uma visão assim de um palácio, e chorei. Desde esse tempo, me sinto ligado profundamente ao Iraque.

O GALO - Como foi sua convivência com Cascudo?

Sanderson - Reconheço que convivi pouco com homens como Cascudo, Hélio Galvão... Poderia ter convivido mais, aprendido mais...

O GALO - A que você atribui isso?

Sanderson - Cascudo passava a noite estudando. Pela manhã não adiantava você ir lá, que ele não recebia. E à tarde, ele acordava. Ele acordava lentamente. Agora tinha uns dias que ele saía. Quando ele ia receber dinheiro na agência do Banco do Brasil, na Ribeira, ele descia, vinha a pé, muito bem vestido, casimira, chapéu, gravata, e me pegava na redação da Tribuna. Ele dizia que quando jovem a influência francesa era tamanha que ele recebia aquelas revistas de moda de Paris e mandava fazer ternos iguais, para caminhar nas ruas de Natal como se fosse nos boulevards parisienses. Na volta, ele dizia: "Meu filho, vamos descansar desse trabalho extraordinário". E me levava à Peixada Potengi. A gente sentava lá, tinha uma mesa imensa, ele sentava na cabeceira - tinha sempre uma duas mulheres de vida triste, e outras duas de vida alegre. Ele pedia logo uma cerveja, era a sua bebida. Ai tirava o paletó, a gravata, o chapéu já tinha tirado, e começava a falar. Uma vez, ele se voltou para mim, e disse: "Estou com vontade de dar uma aula sobre pimenta-do-reino. Você nunca ouviu uma aula sobre pimenta-do-reino, ouviu?". E falou longamente sobre esse popular condimento culinário. Duas, três mulheres olhando. O motorista que andava com ele, também olhando. Outra vez, também à mesa da Peixada Potengi, deu uma aula sobre poesia, reportando-se à poesia desde as origens egípcias, mesopotâmicas, e quando chegou a Amado Nervo, o poeta

mexicano, ele encerrou bruscamente a aula. Não sem antes nos chamar 'carinhosamente' de imbecis. Assim era Cascudo.

O GALO - Sanderson, você guarda muitas histórias pitorescas do tempo da Tribuna do Norte, não é verdade?

Sanderson - Sim. Nos tempos da velha Tribuna do Norte tem episódios engraçados. Eram os tempos em que eu, Berilo Wanderley e Luís Carlos Guimarães fazíamos a redação do jornal, juntamente com outros nomes. Luís Carlos Guimarães era juiz em Caiçara, e eu arranjei para ele ser copidesque na Tribuna do Norte, para ele se virar (imagine como juiz ganhava mal nesse tempo!). José Guará era o líder de Aluizio Alves na Câmara de Vereadores. E Luís Carlos cismou com José Guará. Toda vez que Guará fazia um discurso na Câmara, saía na Tribuna: "Assumi a tribuna da Câmara de Vereadores o vereador José Guaraná". Aí, José Guará chegava lá na redação e dizia: "Querem me desmoralizar". E não tinha jeito, só saía José Guaraná no jornal. José Guará finalmente foi reclamar a Aluizio. Aluizio chegou para a gente e falou: "Se sair novamente José Guaraná, demito toda a redação". No outro dia, nos reunimos, eu, Berilo e Luís Carlos, num barzinho de frente à Tribuna, ali na Tavares da Lira. O bar acho que se chamava Lago Azul, Danúbio Azul, algo assim. E decidimos: vai sair de novo José Guaraná. Quando Luís Carlos ia copidescar 'corretamente' o nome Guará, foi flagrado pelo próprio José Guará, postado atrás da cadeira dele, que surpreendeu-o com o brado: "Então é você!"

O GALO - Quando você deixou o Rio de Janeiro, essa cidade não perdeu apenas um grande jornalista, mas também um grande dançarino de tango. O que o tango representa em sua vida?

Sanderson - Eu freqüentava no Rio um cabaré chamado Brasil Dourado, na Lapa, na companhia de Hélio Vasconcelos e Moacir de Góis. Lá se tocavam uns tangos. Eu saía dançando o tango, contando com o apoio, o entusiasmo, do professor Moacir de Góis, que ficava em cima da cadeira gritando 'viva!', 'viva!' Tinha uma uruguaia lá que descobri depois que ela guardava sua arma debaixo de umas meias compridas...

O GALO - Foi com ela que você aprendeu a dançar o tango?

Sanderson - Não, eu já trazia dentro de mim o tango de Manuel Bandeira há muito tempo.

O GALO - Você tem uma preocupação espiritualista muito grande. Isto é recente ou antiga?

Sanderson - Desde que nasci. Lembro que um dos primeiros escritos que fiz foi uma carta para Jesus, que Djalma Maranhão falou que havia recortado e guardado. Sempre tive uma vocação mística.

O GALO - Como você concilia as diversas correntes espiritualistas?

Sanderson - Ninguém concilia. A gente vive, vê, o que eu acho importante é você saber que a física quântica, a física mais moderna que existe, está hoje se conciliando com a metafísica e com as grandes correntes espiritualistas da Índia, o budismo e o zen-budismo. O mundo caminha para a autodescoberta.

Você passa o tempo todinho falando dos outros e não se descobre. E ao mesmo tempo em que se autodescobre, vai descobrir o outro, no sentido de ajudá-lo. É uma revolução individual que já está havendo. Só em Brasília são umas 500 seitas religiosas que existem, e ao mesmo tempo uma revolução sociológica, porque a utopia não morreu, o socialismo não morreu. Tudo isso virá em outra dimensão. A grande utopia, o sonho, não morreu.

O GALO - Que livros você incluiria num cânone potiguar?

Sanderson - Estou preocupado com o grande esquecimento que se tem em torno de alguns escritores. João Lins Caldas, por exemplo. É o autor mais injustiçado do Rio Grande do Norte. Primeiro, ele se injustiçou a si mesmo, perdendo tudo que tinha, como, ninguém sabe; segundo, porque Celso da Silveira conseguiu salvar quarenta e tantos poemas dele, que eu publiquei quando era presidente da Fundação José Augusto. Entreguei o livro a Mauro Motta, o qual, no dia seguinte comentou: "Esse soneto de João Lins Caldas para Camões é tão bonito como o de Manuel Bandeira e o de Bocage. E aqui neste livro existem quatro poemas que são dos mais belos da língua portuguesa". Esse homem está totalmente esquecido. Sei que Jorge Fernandes é um grande poeta, mas não se pode esquecer João Lins Caldas. Tem um sobrinho dele, é preciso denunciar, Moacir Medeiros, parece, aquele que criou o guarda-chuva do Banco Nacional, disse a mim e a Celso da Silveira: "Eu tenho quatrocentos e tantos poemas de João Lins Caldas que ele me confiou, mas eu nem dou, nem eu vendo, nem eu publico, nem eu coisa nenhuma". Aí, o jeito é matá-lo, não é?

O GALO - Que outro autor você qualifica como "injustiçado"?

Sanderson - Edgar Barbosa é outro injustiçado. Tenho a impressão que se Edgar Barbosa ocupasse o lugar de Luís Fernando Veríssimo hoje, no Jornal do Brasil, seria tão brilhante quanto o filho de Érico Veríssimo. Ninguém escreveu tão belamente em prosa aqui no estado como Edgar Barbosa.

Sanderson - Quando eu era presidente da Fundação (José Augusto) eu publiquei coisas que me entusiasmaram. Como a antologia de poemas de José Bezerra Gomes, coligida por Luís Carlos Guimarães. Foi o poeta que mais me deu trabalho, porque todo dia ele ia na Fundação ver as provas dos poemas e tirava um verso. Tem um poema lá que ficou só o título! Outro, "Paris", diz: "Uma maçã no meio do caminho". Pois ele queria tirar a maçã! Chegou o momento em que eu proibi que ele, autor, fizesse a revisão do livro.

O GALO - Na sua prosa, que influências você



reconhece?

Sanderson - Os três maiores prosadores da língua portuguesa deste século são Paulo Haecker Filho, do Rio Grande do Sul, Paulo Mendes Campos e Ledo Ivo, sendo que Paulo Haecker Filho é o maior ensaísta brasileiro. Tenho todos os livros dele sem conhecê-lo, desde os 16 anos, quando publiquei meu primeiro livro. Josué Montello considera o ensaio dele sobre Guimarães Rosa o maior escrito em língua portuguesa.

O GALO - Como foi sua ida para o Rio de Janeiro?

Sanderson - Fui para o Rio em 1964, de navio, na época da 'Revolução'. Não havia condição de ficar aqui. Lá encontrei dois 'energúmenos', Hélio Vasconcelos e Moacir de Góis, duas figuras humanas extraordinárias. Entrei logo na Manchete. Mas era um ambiente muito desumano. Os Bloch tratavam muito mal seus funcionários. Outra coisa, eu não gostava do Rio, achava tudo muito bonito mas não era a minha terra.

O GALO - Como foi sua volta para Natal?

Sanderson - Fiz um teste, levado por Walter Fontoura, para ser um dos editorialistas do Correio

da Manhã. Passei. Quando faltava um dia para começar, vim embora para Natal.

O GALO - Sanderson, você tem alguns projetos literários, entre eles, um romance. De que trata, de fato?

Sanderson - Meu grande projeto, que já comecei, é o romance "O Trigesimo Domingo da Quaresma", que é o romance sobre a vida do meu irmão Emerson, um livro de época, em que aparece também a figura extraordinária de frei Miguelinho, que estudei profundamente. Quero mostrar os dramas de um sacerdote, tudo que ele sofreu, o conhecimento profundo que ele tinha da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino - ele tinha uma memória extraordinária. Meu irmão era um latinista, redigia documentos para Roma. Em 1949, o arcebispo de Natal mandou-o para ser vigário de Santa Cruz, e ele se acabou por lá. Eu quero juntar frei Miguelinho e Emerson no mesmo romance. Você já imaginou ali na Serra do Doutor, você lendo Virgílio e Horácio em latim. A Igreja começou com marcação com ele. Todos os padres foram fazer curso fora. O mestrado dele foi em Melão, Santa Cruz de Inharé, Lajes Pintadas, Coronel Ezequiel...

O GALO - Que opinião você tem sobre o jornalismo de

hoje?

Sanderson - Quando comecei no Diário de Natal, em 1967, vendia 2 mil exemplares. Eu comecei a fazer umas matérias de polícia, criando vampiros, matérias de imaginação, e a tiragem subiu para 12 mil exemplares. Natal tinha centos e poucos mil exemplares. As matérias davam 2 páginas, os pilotos da Varig exigiam o Diário de Natal. O povo lia avidamente essas matérias, porque eu transformei o noticiário político num grande romance. Eu escrevia muito e lia muito, o dia todo. É um problema de leitura. Se você não lê, você não escreve. Naquela época, você dava uma pauta a um repórter, hoje são três pontos de pauta. Como você pode escrever bem três matérias diariamente? É impossível. Essa é uma das diferenças básicas do jornalismo do meu tempo.

O GALO - Existe um grande romance no Rio Grande do Norte?

Sanderson - É aquilo que Mário Moacir Porto dizia: temos grandes pesquisadores, mas não existe um grande romancista. Nei Leandro de Castro pode ser o escritor que vai romper com esse tabu. Ele tem preparo e talento para isso.

A poesia entre o erudito e o popular

Hildeberto Barbosa Filho

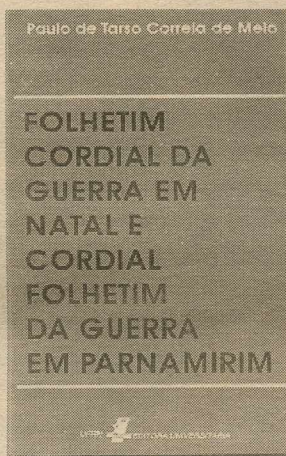
Na poesia brasileira e, em especial, em poetas nordestinos, é muito comum a utilização da literatura oral e de cordel como fonte de inspiração. Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo, José Chagas, Marcus Accioly, Zila Mamede e tantos outros formam como uma vertente que, a rigor, não dispensa, em sua forma erudita, os influxos naturais da tradição popular.

Diria mesmo que esse repertório imaginário, gerado a partir da criação anônima dos povos, constitui, no espaço particular da poesia nordestina, uma espécie de texto-matriz a viabilizar, portanto, pelo que possui de genuinamente poético, a elaboração de outros textos, mesmo que no território da tradição culta.

É precisamente isto o que faz o poeta norte-rio-grandense, Paulo de Tarso Correia de Melo, com **Romances de Alcaçus**, publicado em Natal pela EDUFRRN, em 1998, dando, assim, continuidade a sua trajetória poética, ilustrada com títulos, como **Talhe rupestre**; **Natal: secreta biografia** e **Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim**.

Na construção do seu discurso lírico, o poeta potiguar se vale do *romance*. Segundo Massaud Moisés, em seu **Dicionário de termos literários**, o *romance* é uma "composição poética tipicamente espanhola, de origem popular, autoria não raro anônima e temática lírica e/ou histórica, geralmente em versos de sete sílabas ou redondilhas maiores".

A temática lírica e histórica, neste caso, se cristaliza na *tópica* da cidade de Alcaçus, com seu mapa, sua história, sua terra, sua gente, seus costumes e, principalmente, seus *romances*. A estrutura do poema - verdadeiro macrotexto - se divide em quatro partes coerentemente interrelacionados: *Introdução*, *Índice das Ilustrações*, *Renda e romanceiro de Alcaçus* e *romances de Alcaçus*. Paulo de Tarso, a partir, portanto, de um processo caracteristicamente



Os livros *Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim* e *Talhe rupestre* são ilustrativos da obra poética do norte-rio-grandense Paulo de Tarso Correia de Melo



intertextual, tece uma espécie de pequena corografia lírica, de fundo didático, ético e antropológico, desta "esquecida" povoação do litoral norte-rio-grandense.

Na primeira parte, sobretudo nos poemas *Introdução* e *O romanceiro ibérico* descreve-se metalingüisticamente a travessia da forma *romance*, desde as suas origens remotas, até sua chegada ao território americano, quer no seu "formato luso", quer no seu "sentimento galego". A consciência intertextual já demarca a voz do eu poético em passagens como esta: "De Tróia fugiram prestos/ na embarcação de Enéias/ Começa aí intertexto/e rapinagem das idéias".

Também são referidos os diversos assuntos de que o *romance* pode tratar, assim como nos outros textos se fala na doçura do nome "Alcaçus, Alcaçus", a que não falta certo tom irônico, quando se reconhece que na cidade tem água, luz e transporte para a capital, embora "o posto de saúde/ainda funciona mal". E arremata o poeta: "E mais não há. Corre a vida/ sai da manhã luminosa/ para a tarde entristecida/ a noite silenciosa./ Alcaçus tão pequenina,/ cabe em olhar de ternura./ Doce raiz escondida/ tem as suas amarguras".

Na Segunda parte, o poeta destaca tópicos da

paisagem numa escrita descritiva que, em certas instâncias da melodia vésica, alcança níveis de abstração reflexiva que vai do particular para o universal. Daí, momentos assim: "(...) Nos telhados claro-escuros/ joga xadrez o destino./ Falta um sobrado, cenário/ de algum romance medonho./ Andar superior e torre/ são construídos de sonho".

O mesmo se diga a respeito da terceira parte em que os motivos se servem do labor e da "indústria" típicos da região. Poemas, como *Almofada*, *Papelão*, *Bilro*, *Espinho* e *Linha* dão bem a idéia dessa "artesanaria rara" que é o tecer o tecido onde, como diz o poeta, "se dá o milagre/ da renda, como da vida". Labor que se materializa também no tecido do texto, no texto de *romance*, em metro, ritmo e imagem da mais comovente simplicidade.

Finalmente, na última parte, o poeta apresenta oito *romances*, isto é, oito pequenos casos que povoam o imaginário popular da região de Alcaçus. *Juliana e Jorge*, *Delgadinha*, *Antonino e o povão*, *Paulina e João*, *Dona Branca e Carlos de Montevar*, *João Barão*, *Alberto Conde Aragão e Santa Iria* põem em cena os dramas e os conflitos humanos que regem o *ethos* da comunidade, avivando-lhe ora o sentimento trágico, ora o sentimento cômico, numa espécie de psicologia coletiva em que se mesclam as noções éticas e líricas.

Em síntese, a poesia de Paulo de Tarso Correia de Melo, exposta em **Romances de Alcaçus**, me revela um poeta afeito à tradição oral da literatura, mas também um poeta seguro dos seus recursos técnico-expressivos, perfeitamente vinculado à singularidade da percepção lírica do real. Sua poesia, em sua singeleza melódica e imagética, reinventa o passado das "formas simples", permitindo, contudo, no complexo de sua organização poética, a legítima estesia a que o leitor tem direito, sobretudo quando se pensa na recriadora relação entre o erudito e o popular.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário paraibano. Publicou *A geometria da paixão*, *O exílio dos dias*, *O livro da agonia* e outros poemas, entre outros.

À beira da inexistente arte da decepção

André Seffrin

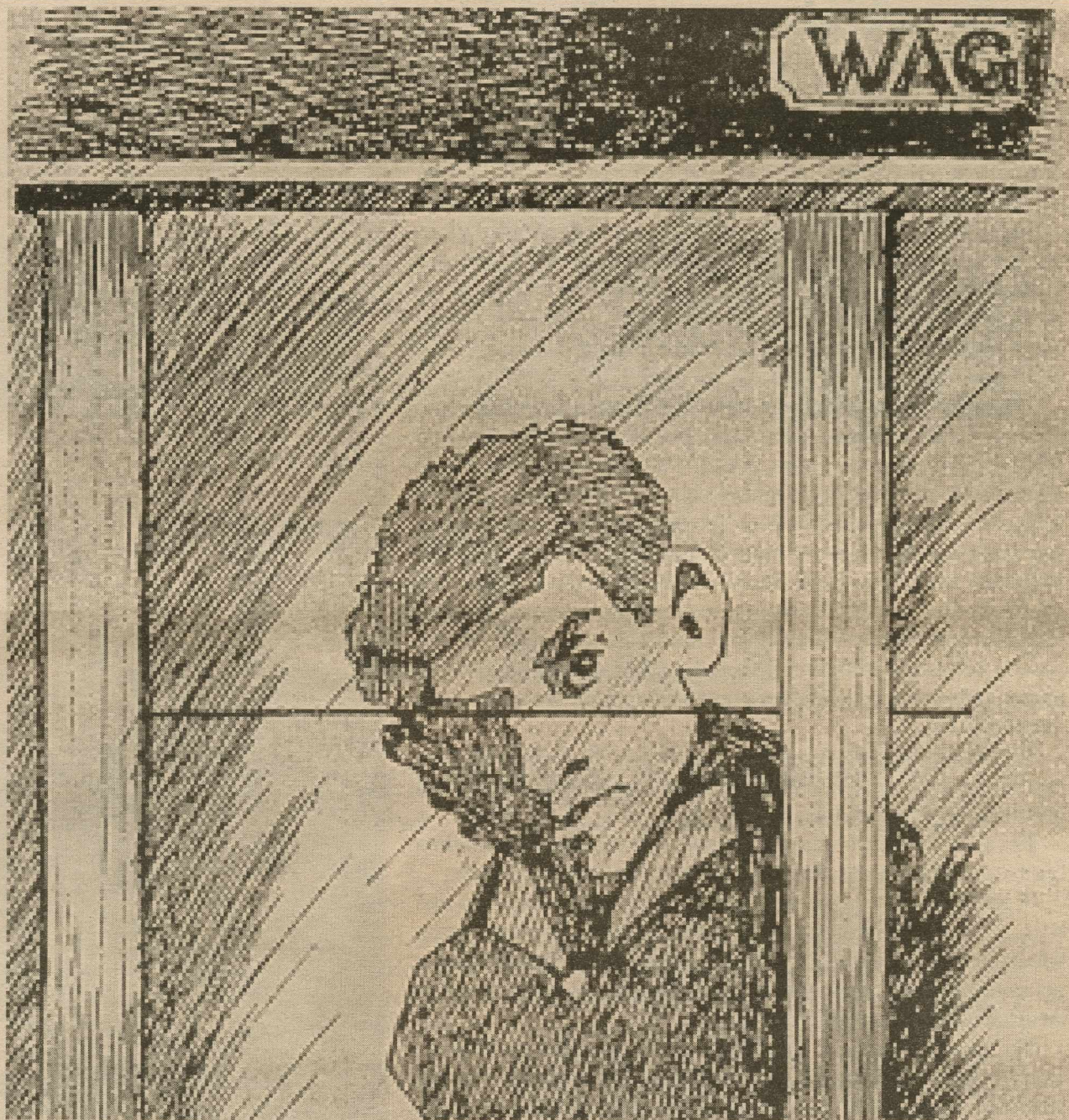
Foi Mário da Silva Brito quem apontou em Jair Ferreira dos Santos “um narrador complexo”, distanciando-o do narrador “complicado” que à primeira vista poderia parecer. Mário apresentava o estreante de *Kafka na cama* (Civilização Brasileira, 1980), livro que destacava o autor entre os bons contistas da atualidade. Com *A inexistente arte da decepção* (Agir, 1996) Jair volta ao conto, guardando um pouco as características do primeiro livro, embora hoje se apresente mais despojado, menos afeito ao barroquismo e às complexidades de um hermetismo de temperamento e deliberação interior que pareciam dominá-lo na estréia.

Guarda ele ainda um certo exotismo de linguagem, onde proliferam imagens inusitadas e metáforas raras no torneado propositalmente pomposo da frase, mal disfarçando a ironia e o sarcasmo das sugestões com que vai enredando ou burlando o leitor desavisado. Um contista que já nasceu aperfeiçoado nessa arte de prestidigitação em que parece ter se tornado esse gênero judiado e difícil que é o conto, quando a grande maioria dos contistas de sua idade não escapou ainda às matrizes geradoras do conto nacional, poderosamente dominantes.

Se se pode detectar em Jair algo de rebuscado e “literário” às vezes, à sombra dos recursos técnicos que manipula com muita competência, não se pode denunciá-lo por realizar-se no trivial do gênero. Ele é um de nossos poucos ficcionistas realmente conscientes de seu ofício, e este novo livro é uma prova disso.

O grande personagem de *A inexistente arte da decepção* é a linguagem. E a geografia de uma cidade, o Rio de Janeiro, tem a função de incorporar aí um novo vocabulário que se integra ao supernovo universo da comunicação planetária. Não só no que diz respeito à gíria carioca, como também em algumas variações de origem paranaense, já que o contista nasceu no Paraná e é no Paraná que a maioria de seus personagens vai buscar uma referência para suas vidas emparedadas.

Atravessam o livro palavras como “informação”, “comunicação”, “televisão” - e o paradigmático personagem de “Espancando Betty Labarthe” é uma espécie de presença avassaladora desse universo subliminar, que no conto que dá título ao livro acaba por ser o alicerce do dia arrastado de uma velha, quando uma televisão parece pontuar os extremos de uma vida “à beira da inexistente arte da decepção”.



Mundo cão onde tudo corre veloz, é numa maré montante de atrações que se transforma o cotidiano nestes contos em que angústia e desamparo são maquinações de uma natureza humana obsoleta. Há um niilista no autor destes contos? Sim, e um niilista algo machadiano.

Destaquemos os burlescos “Um cão para todas as estações” (p. 9), primeiro dos oito contos do volume, e “Marlene e o Planeta Mongo” (p. 55), dois contos exemplares. Revela ele admirável domínio estilístico no polidrico “Brainstorm” (p. 133). São estes os contos que se destacam sobretudo em relação a dois outros, a meu ver, de menor importância no conjunto: “A migração de alguma

estrela errante” (p. 69) e “A jornada argentina de um homem feio” (p. 105), quando o autor distancia-se um pouco de seu elemento realizando-se numa densidade talvez artificiosa. Todavia, nada que desmereça o punho de um contista de estofa e fôlego.

Jair Ferreira dos Santos é também poeta de boa cepa (*A faca serena*, Achiamé, 1983) e ensaísta. Apesar de publicar pouco (o que não quer dizer que escreva pouco, bom assinalar), terá hoje lugar garantido entre os autores de qualidade na literatura brasileira contemporânea.

André Seffrin é crítico e ensaísta. Colaborador do caderno *Idéias-Livros* do *Jornal do Brasil*, da revista *Manchete*, entre outros. Reside no Rio de Janeiro.

O sino de Extremoz

Eloy de Souza

A restauração de Cunhaú fez a prosperidade açucareira de vários senhores de engenho e permitiu a fundação do solar dos Arcoverdes, de cujo fausto as crônicas guardam referências que nos maravilham. A exploração, que assim ia fazendo a riqueza de tanta gente, buscou a fertilidade de outros vales para a fundação de novos engenhos; e, como Extremoz, já povoada, distava pouco do baixo Ceará-Mirim, foi por esta parte que, naturalmente, se iniciou a cultura da cana, que dali subindo o vale, veio a constituir, durante largo período, a maior fortuna do Rio Grande do Norte.

A decadência de Extremoz, situada à margem da lagoa desse nome, fez-se, desta sorte, em proveito da cultura que na vizinhança oferecia vantagens remuneradoras incompatíveis, não restando dessa vila tão aprazível dentro de poucos anos, mais que as ruínas do seu convento e as lendas criadas pela imaginação dos habitantes que o fanatismo fizera supersticiosos.

Uma das lendas conta que um velho carreiro, pobre africano remisso à aprendizagem da língua e por isso talvez taciturno no isolamento do seu mucambo, era considerado feiticeiro e, como tal, temido pelos moradores que persignavam à sua passagem, e o tinham na conta de sócio do demônio nas viagens noturnas com o seu carro. Enquanto outros companheiros mortificavam os bois indefesos nas longas caminhadas diurnas, a piedade dele pelos pacíficos animais que tratava numa camaradagem de irmãos, levava-o a preferir as noites refrigerantes em que o trabalho era menos penoso, muito embora a fadiga de sua própria insônia, prolongada em outros labores a que o não poupava a serenidade da escravidão.

Certa vez lhe esquecem os malefícios da feitiçaria, para confiaram à sua perícia o transporte do sino grande destinado à primeira torre do convento.

Foi ao sair da lua cheia que ele partiu de Natal, conduzindo o bronze anunciador das alegrias e tristezas do mundo católico.

A areia da estrada, aumentando mais e mais o cansaço dos bois, cujos corpos vergavam ao esforço da tração continuada, não os detinha, todavia, na marcha que agora faziam estugados pela sede, no faro arguto das narinas dilatadas ao vento saturado da umidade da lagoa próxima.

Na mesa do carro, o agulhão repousado sobre o ajoujo, o carreiro dormia. Súbito, a boiada sedenta se detém por um instante à beira da lagoa, onde vai pouco a pouco mergulhando, no duplo regalo da sede que se ia estancando e da fadiga que o banho refrigerante aplacava. De repente, a junta dianteira já não toma pé na profundidade que a surpreende, e arrasta ao abismo igualmente o carro e sua carga, perdendo-se no vazio da solidão o grito do velho carreiro, despertado daquela modorra para dormir no fundo das águas o sono eterno.

Conta-se que, no mesmo instante, algumas pessoas ouviram no povoado adormecido as badaladas de um sino cuja sonoridade, vinda de muito alto, a imaginação popular guardou, numa interessante ilusão auditiva. E todos os anos, àquela hora, se repetiam os dobres num convite de prece pela alma do velho carreiro, afogado em pecado mortal.

(Extraído de *Leituras Potigueras*, de Antônio Fagundes, editado por Calvino Filho, Natal/RN, 1933.)



Câmara

Trovas em homenagem a

Cascudo

Ubiratan Queiroz de Oliveira

Natal, com grandes festanças,
Lembra Cascudo em retretas,
Congos, Lapinha e Cheganças
Em CEM Naus Catarinetas.


Está CASCUDO nos céus,
Há louvações em surdina! ...
São Bois-de-Reis com Mateus
Seu Birico e Catirina.

Quem reconhecer o estudo
De um sábio multifário,
pede a Deus outro CASCUDO
no vindouro centenário

O Pastoril da saudade,
Canta chorando, contudo,
Alegra toda cidade,
Pois lembra mestre CASCUDO

CASCUDO legou-nos glória
Com estudos condoreiros! ...
Cultuemos-lhe a memória
Xarias e Canguleiros.

Violas em desafio
Cantam a saga de estudo,
Em merecido elogio
Do grande mestre CASCUDO.



Ubiratan Queiroz de Oliveira
é bacharel em Ciências Contábeis
pela UFRN e romancista, autor de "A
Derrocada dos Bossais"

Câmara

Um Homem Chamado Brasil Cascudo

José Melquiades

Muito bem comemorado o centenário de nascimento de Câmara Cascudo. Palestras, livros, conferências, reuniões, debates, artigos em jornais, fascículos encomendados e outras tantas manifestações de carinho, respeito e veneração ao grande folclorista, etnologista e historiador norte-rio-grandense, tudo isso formou o montante da festa comemorativa.

Inegavelmente o mestre mereceu e merece todas as honrarias, mas ao que me pareceu é que Cascudo foi mais homenageado do que lido. Considerável parte dos seus escritos continua ignorado. Não encontrei ninguém ainda que tenha lido o *Meleagro* e seu romance *Canto de Muro*, o que é lamentável. Fui um dos poucos a entoar os doces hinos de louvores cantados no coro de vozes harmoniosas. Fiquei de fora porque sou muito desentoadado e assim evitei desafinar a partitura. No encontro da festa, ninguém sentiu a minha falta.

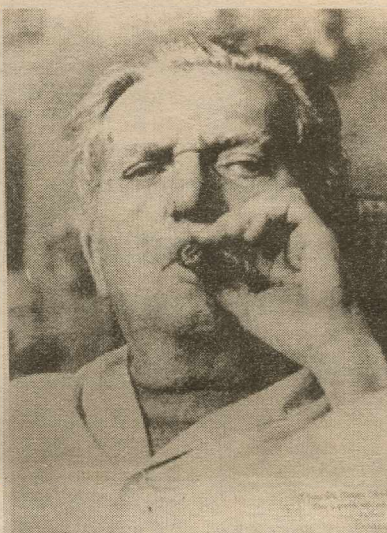
A pedido da Editoria de O GALO, escrevi um artigo para este jornal, dando conta de como conheci Cascudo. Antes já havia escrito *O Clube dos Inocentes* do qual participava Cascudo e no convívio desse descontraído sodalício dividimos nossa intimidade sem grandes alardes. Em meio a tanta reminiscência, ninguém se lembrou de citar a crítica que o filólogo João Ribeiro fez ao *Alma Patrícia*, livro de estréia de Cascudo. Essa valiosa contribuição ao estreante foi publicada no jornal *Imparcial*, Rio de Janeiro, 08.11.1921, e republicada no IV vol. – *Críticas e Ensaístas* – organizado por Múcio Leão e divulgado pela Academia de Letras, em 1959.

Crítica construtiva e elogiosa, nela João Ribeiro diz que *Alma Patrícia* “é um trabalho de crítico, livro curioso, interessante e informativo”. Foi a primeira vez que Cascudo apareceu nacionalmente e isso lhe serviu de grande estímulo. O autor de *Alma Patrícia* tinha 23 anos. Seu livro, alguns meses.

Em meio à copiosidade das manifestações elogiosas, uma das melhores contribuições sobre a vida de Cascudo e seu centenário é esse livro *Um*

homem chamado Brasil elaborado diligentemente pelo jornalista Gildson de Oliveira. Trabalho ousado, corajoso e volumoso, alcança bem o objetivo desejado. Gildson entrevistou muitos amigos de Cascudo, alguns deles falando com certo exagero encomiástico, outros eufóricos ou apressados, todos, porém, bem intencionados. Ninguém se lembrou de fazer uma apreciação criteriosa aos seus livros. Gildson cita o comentário de João Ribeiro.

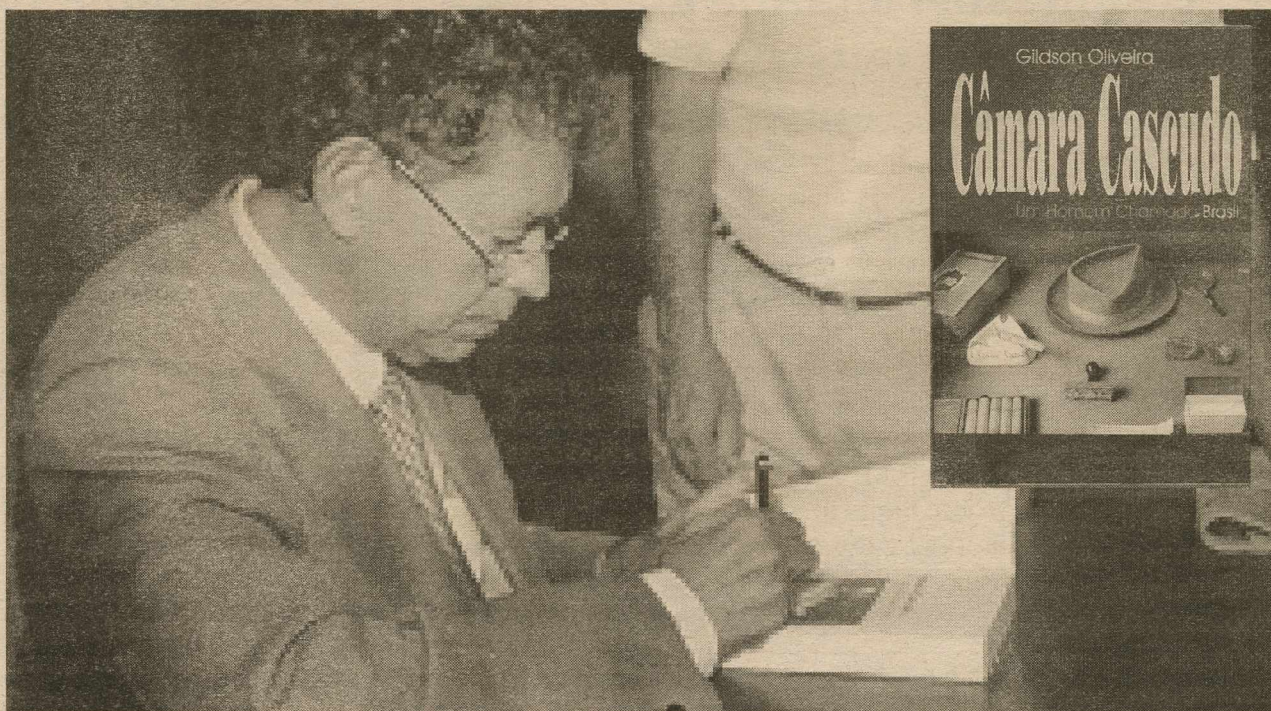
A preocupação amistosa visa apenas o homem Cascudo, uma forma de reconhecimento amigável, mesmo porque Câmara Cascudo não tinha inimigos. Nas grandes e ruidosas homenagens, todos querem aparecer, o que é muito natural nesse comportamento humano, onde a vaidade é virtude. E se houve falhas de algumas informações, a culpa não é de Gildson entrevistador, mas do entrevistado informante. *Um homem*



chamado Brasil é um trabalho intencionalmente jornalístico, sem grandes pretensões a esmero literário; e despretensiosamente o livro é bom, agradável e instrutivo: a valorização do repórter, a coragem e a habilidade do entrevistador que visa, acima de tudo, a informação precisa e correta. Esse é o mérito indispensável do jornalista; dentro desse comportamento se baseia o livro de Gildson Oliveira. Com sua longa experiência nos jornais para os quais presta seu trabalho, Gildson sempre soube valorizar dignamente a sua profissão.

Seguindo essa norma, *Um homem chamado Brasil* se orienta pelo mesmo estilo e critério adotado em *Damião – O Santo das Missões* e *Luiz Gonzaga – O Matuto que Conquistou o Mundo*.

Não é um livro biográfico ou encomiástico: é um livro historiográfico de conteúdo informativo. Nele se revelam aspectos mais íntimos e mais preciosos da



Um homem chamado Brasil, de Gildson Oliveira, é um livro historiográfico de conteúdo informativo

vida de um homem que viveu pacificamente no mundo buliçoso dos livros. Esses comentários enriquecem o livro. Dele Cascudo sai bem retratado sem retoques falsos ou maquiagem comprometedora. A grande preocupação do autor é com a notícia e o confronto dos fatos, enfatizando a narrativa, em nome da verdade. É um "livro-reportagem", como ele mesmo diz, mas não tão simples assim. Os informes são judiciosos, sem a "pretensão do escritor", e neles se descobre um verdadeiro desafio histórico, uma verdadeira fonte de pesquisa aos futuros estudiosos do homem Cascudo. Quanto a mim, o que tinha de dizer, já o disse em *O Galo* e em *O Clube dos Inocentes*. Aliás, Gildson corajosamente se alonga um pouco sobre o sodalício de nossa intimidade. Na página 234, dá a entender que nossa inocência se destilava no alambique instalado na casa do mestre. É verdade que lá nos divertíamos bem com as abluções inspiradas em São Julião. Não faltava a pureza das nossas intenções. Não foi assim com as bodas de Caná?

Em 1954, saiu um livro escrito pelo jesuíta Herendia, traduzido e publicado pela **Editora Vozes**, intitulado *Um repórter dos Tempos de Cristo*. Livro imaginoso e erudito, nele o repórter (no caso o autor) viaja para a Palestina e lá, imaginosamente, entrevista os seguidores e perseguidores de Estrabão Messias. O livro do Padre Herendia é de caráter exegetico, envolvendo o escândalo do tetrarca Herodes que se juntara com a esposa do seu irmão Filipe, a revolta dos sacerdotes contra Pilatos que, para agradar a Tibério, colocou as águas no Templo acompanhadas das efígies do imperador. O mesmo Tibério refugiado na ilha de Capri em aventuras amorosas esquecido das intrigas de Sejano que o mantinha afastado de Roma, graças aos embustes do astrólogo Trasilo. Não cabe aqui outros comentários, porque no livro de Gildson não há intrigas nem escândalos amorosos, tão pouco astrólogos impostores. Gildson não é exegeta, embora o jornalismo tenha lá a sua exegese de interpretação, explicação e comentário. **Mutatis mutandis**, esse livro *Um homem chamado Brasil*, bem que poderia chamar-se *Memórias de um repórter do tempo de Cascudo*. A intenção é a mesma, com a mesma valorização.

Gildson desenvolveu fielmente as mesmas idéias com a mesma avaliação: a verdade dos fatos. Muito sincero nas suas intenções, o repórter faz uma análise criteriosa que retrata fielmente o Câmara Cascudo que todos nós conhecemos de perto.

Para terminar esse comentário sobre o excelente livro de Gildson, repetirei apenas o que João Ribeiro disse do *Alma Patrícia*, em 1921: *Um homem chamado Brasil* é um livro curioso, interessante e informativo. Mais do que isso: é um livro valioso e proveitoso em todos os sentidos. Com a sua publicação, o autor presta um grande serviço à história literária potiguar e com isso muito lucrou o nosso Estado. Vale a pena lê-lo. O leitor tirará grande proveito e agradáveis deduções. Parabéns a Gildson.

José Melquíades de Macêdo é escritor e crítico literário. Escreveu *O clube dos inocentes*, *Os Estados Unidos*, *a mulher e o cachorro*, *A capela de Santos Reis*, entre outros.

LIVROS lançamentos

A seleção de livros que O GALO faz este mês se divide entre o ensaio literário, o ensaio sociológico, a poesia, o romance e a história. O ensaio literário é representado pela revista *Scriptoria*, da UFRN; a poesia, pelos livros *Águas de contendras* e *Usina de Silêncios*; o romance, por *O pesadelo de Svetevena*, a história, por *Poliantéia*, *Almino Affonso, tribuno da Abolição*, e o ensaio sociológico focaliza a figura de Frei Damião na cultura popular nordestina.

Ensaio
Editora da UFRN
Natal/RN
1998

A Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte lança uma publicação cobrindo o espectro dos estudos literários. Trata-se de *Scriptoria - ensaios de literatura*, obra que tem seu nascedouro no programa de pós-graduação em literatura comparada da UFRN e visa, segundo seu organizador, o professor Marcos Falchero Falleiros, a irradiar "de um lugar periférico a riqueza e a densidade reflexivas de que foi feito o seu núcleo". Neste primeiro número, *Scriptoria* traz entrevista com o professor Luiz Machado Lafetá, e textos de diversos autores.

Antologia
Editora Thesaurus
Brasília-DF
1998

O pesquisador Gutenberg Costa garimpou Nordeste a 0 afora os rastros deixados pelo messiânico Frei Damião junto ao povo da região. O resultado está compilado no livro *A presença de Frei Damião na literatura de cordel*, recém-lançado pela editora Thesaurus, de Brasília-DF. Dividido em três partes, o livro de Gutenberg Costa visualiza frei Damião na visão dos poetas populares e do povo nordestino, e aspectos singulares do religioso, como seu lado profético, o missionário, sua emulação com o Padre Cícero, sua escatologia, etc.

Antologia
Editora do Senado Federal
Brasília-DF
1998

A vida e a obra do senador e abolicionista norte-riograndense Almino Affonso é literalmente resgatada em *Poliantéia - Almino Affonso, tribuno da Abolição*, antologia de textos sobre o tribuno potiguar organizada pelo seu neto, deputado Almino Affonso, e lançado com a chancela do Senado Federal. Em *Poliantéia*, encontram-se discursos e depoimentos assinados por Câmara Cascudo, Eloy de Sousa, Raimundo Soares de Brito, Tavares de Lira, Manoel Onofre Jr., Dorian Gray Caldas, José Augusto, Noema Affonso, além de textos do próprio Almino Affonso.

Poesia
Secretaria de Estado da Cultura
Paraná-Curitiba
1998

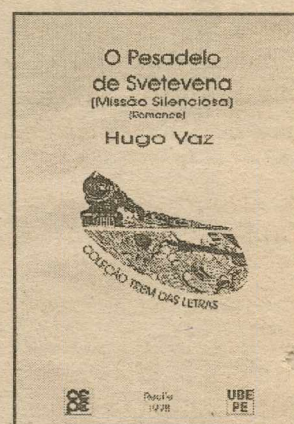
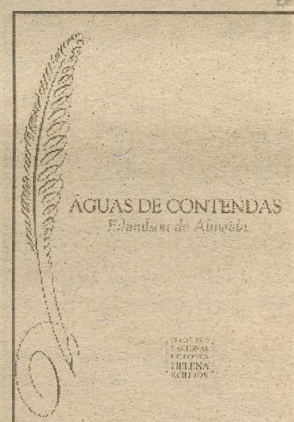
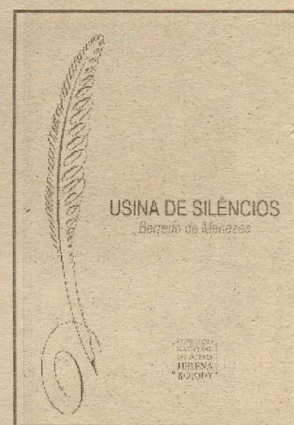
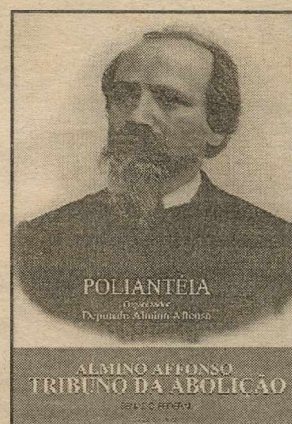
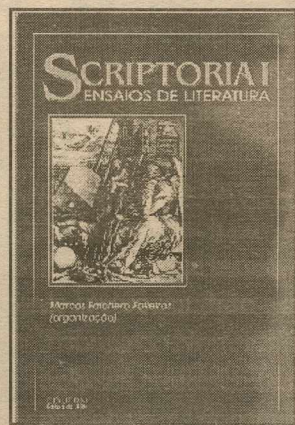
O maranhense Berredo de Menezes foi vencedor do Concurso Nacional de Poesia "Helena Kolody" 1997, da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná com o livro *Usina de Silêncios*. Autor de uma vasta obra poética, como *Surdez dos Clarões*, *Clarividências do nunca*, *Ladainha do Exílio*, e *Sol das Águas*, Berredo de Menezes parece resumir seu credo poética na epígrafe de Ungaretti, que abre o "Intróito" de *Usina de Silêncios*: "Ousar-se-á reprovar um poeta por ter procurado, com todos os cuidados, obter do significado das palavras o máximo rendimento?"

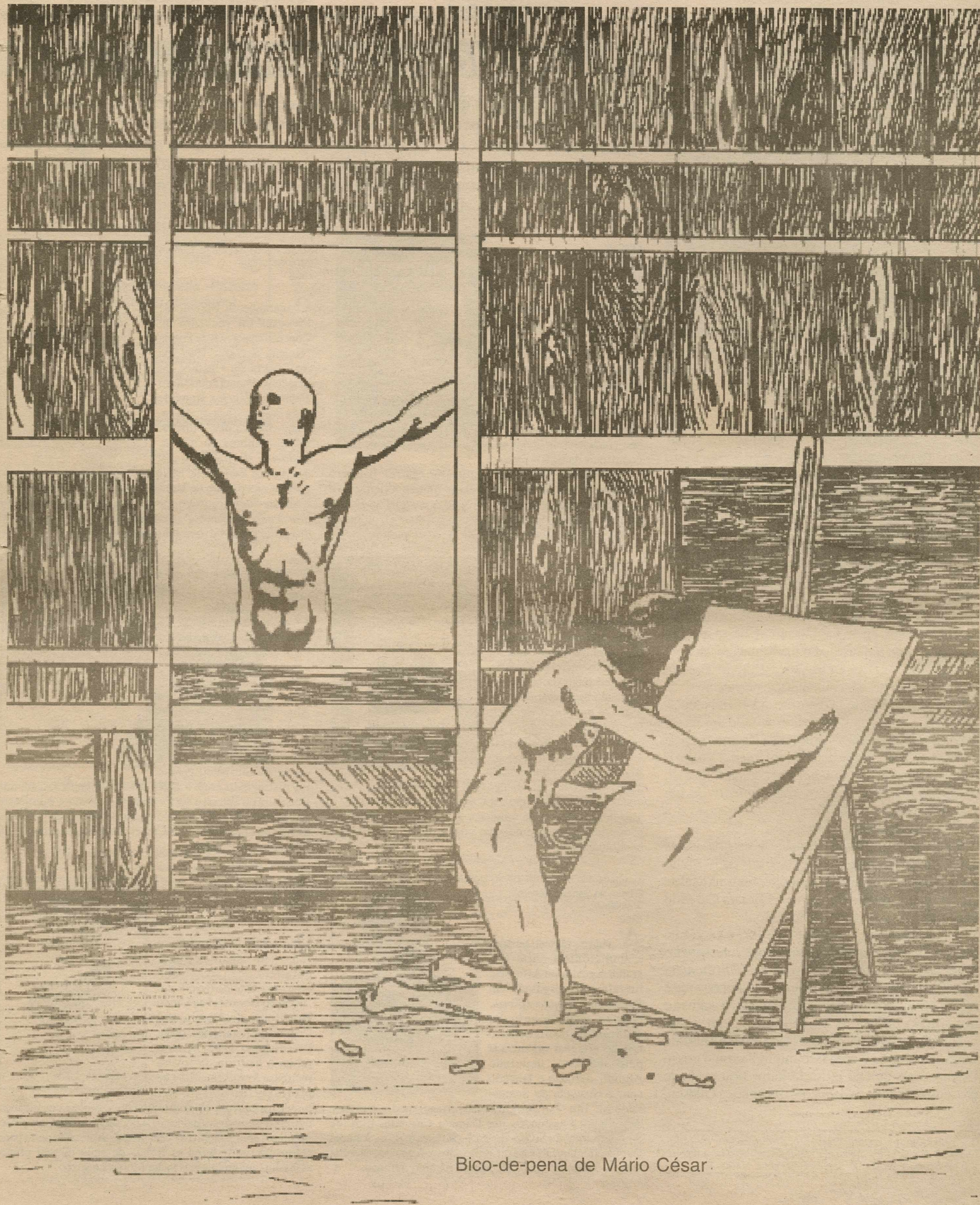
Poesia
Secretaria de Estado da Cultura
Paraná-Curitiba
1998

O mineiro Edimilson de Almeida foi o vencedor do Concurso Helena Kolody versão 1997, com o livro *Águas de Contendas*. Além desse livro, Edimilson de Almeida já publicou vários títulos de poesia e prosa, inclusive em revistas norte-americanas e européias. Em co-autoria com Núbia Pereira foi distinguido com o Prêmio João Ribeira (Academia Brasileira de Letras) e outros concursos. O autor é professor de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre em Ciência da Religião e doutor em Comunicação e Cultura.

Romance
UBE-CEPE
Recife/PE
1998

O escritor pernambucano Hugo Vaz conquistou com *O pesadelo de Svetevena (Missão silenciosa)* o prêmio "Menção Honrosa" da União Brasileira de Escritores, Concurso Literário Estado de Pernambuco 1998. A obra relata a história da jovem recifense Svetevena, filha de professor ucraniano torturado e morto por alzoques militares e o projeto de vingança que ela desenvolve. Apaixonada por um jornalista, ex-presos político e companheiro de cela do pai, Svetevena parte para a Europa, onde traça as linhas de ação de seu plano assassino em meio a crises depressivas e sexo.





Bico-de-pena de Mário César.